



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

NATHÁLIA OLIVEIRA DA SILVA

**O *ETHOS* DO MIGRANTE BRASILEIRO ATENDENTE DE LOJA EM SANTA
ELENA DE UAIRÉN (VENEZUELA): O RISCO DO EXÍLIO LINGUÍSTICO**

**Boa Vista, RR
2014**

NATHÁLIA OLIVEIRA DA SILVA

O *ETHOS* DO MIGRANTE BRASILEIRO ATENDENTE DE LOJA EM SANTA ELENA DE UAIRÉN (VENEZUELA): O RISCO DO EXÍLIO LINGUÍSTICO

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos de Linguagem e cultura regional.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Gomes dos Santos

Boa Vista, RR
2014

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

S586e Silva, Nathália Oliveira da.

O *ethos* do migrante brasileiro atendente de loja em Santa Elena de Uairén (Venezuela): o risco do exílio linguístico / Nathália Oliveira da Silva.
- Boa Vista- RR, 2014.
94 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Gomes dos Santos.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Letras.

1 – Análise do discurso. 2 – Brasileiros. 3 – Migrantes. 4 – Santa Elena de Uairén, Venezuela. I – Título. II. – Santos, Manoel Gomes dos (orientador).

CDU- 801.73(81:87)

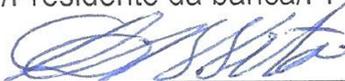
NATHÁLIA OLIVEIRA DA SILVA

O ETHOS DO MIGRANTE BRASILEIRO ATENDENTE DE LOJA EM SANTA ELENA DE UAIRÉN (VENEZUELA): O RISCO DO EXÍLIO LINGUÍSTICO

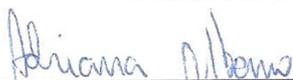
Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Língua e cultura regional. Defendida em 30 de setembro de 2014 e avaliada pela seguinte banca examinadora:



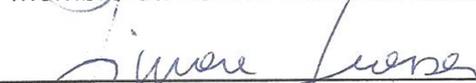
Professor Doutor Manoel Gomes dos Santos
Orientador/Presidente da banca/PPGL/UFRR



Professor Doutor Lourival Novais Néto.
Professor convidado/CCL/UFRR



Professora Doutora Adriana Helena de Oliveira Albano
Membro da Banca/Curso de Letras/UERR



Professora Doutora Simone Lúcia Guesser
Suplente/PPGL/UFRR

Boa Vista, RR
2014

Aos meus amados pais, Francisco e Francisca,
Por serem meus maiores exemplos, ensinando-me sempre a
acreditar e lutar pelos meus ideais.
Às minhas queridas “mães intelectuais” Eliana Laurido e
Jane Amorim,
Por serem mulheres incríveis, referências tanto profissional
como de vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua eterna bondade e misericórdia, por guiar e proteger minha vida em todos os momentos.

À minha família, em especial, mãe Francisca Oliveira da Silva, por todo amor e dedicação durante minha existência, pelo apoio e palavras de incentivo que me fizeram chegar até aqui; e ao meu pai, Francisco de Assis Mendes da Silva, pela incessante sabedoria, fé e serenidade que refletem nos seus conselhos e dedicação à família.

Ao meu querido orientador, Professor Doutor Manoel Gomes dos Santos, por toda dedicação, paciência e humildade durante essa jornada. Pelo encorajamento a seguir um caminho novo e cheio de encantos.

À professora Doutora Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas, pelo exemplo de professora e por ampliar minha visão acerca de questões identitárias.

A todos os professores do PPGL pelos desafios lançados e o conhecimento construído.

Aos colegas de turma do mestrado, pelas angústias partilhadas e vitórias alcançadas. Em especial, a Débora Brito, Natália Barroncas, Dorinha Leal, Roseli Anater e Renata Orcioli.

Às minhas queridas e eternas professoras Eliana Laurido e Jane Amorim, pelo carinho e reflexões teóricas. Vocês foram muito importantes nessa jornada!

Aos meus colegas de trabalho Joseane Cortez, Raimunda Rodrigues, Ricardo Souza, Tomás Hernandez e Gilmara Jane Amorim, pelas contribuições e palavras de incentivo.

Ao meu amado Rodrigo Menezes, por estar ao meu lado, incentivando-me e apoiando-me, pelas contribuições na pesquisa, por ouvir minhas angústias e ter sempre palavras de calma.

À professora Columba Laya, ao presidente da câmara de comércio de Santa Elena, Sr. Daniel Rivera, e à amiga Luana Kaminski, pelas contribuições na pesquisa de campo.

Aos professores Dr. Lourival Novais Néto, Dra. Adriana Helena de Oliveira Albano e Dra. Simone Lúcia Guesser, por aceitarem o convite de compor a banca examinadora dessa dissertação.

Aos migrantes brasileiros que aceitaram prontamente participar dessa pesquisa.

RESUMO

SILVA, Nathália Oliveira da. **O *Ethos* do migrante brasileiro atendente de loja em Santa Elena de Uairén (Venezuela): o risco do exílio linguístico**, 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2014.

Esta dissertação tem como propósito investigar, a partir das práticas discursivas, *ethé* de migrantes brasileiros que trabalham como atendentes de loja no comércio de Santa Elena de Uairén-Venezuela, considerando, particularmente, a maneira como se relacionam com a língua da comunidade de acolhida. Com o objetivo de contextualizar os sujeitos dessa investigação, assumo a noção de fronteira em sua perspectiva cultural e a noção de identidade pós-moderna. Como aporte teórico, direciono-me pela análise do discurso de linha francesa, especialmente pela noção de *ethos* discursivo. Dessa forma, esta é uma investigação de caráter interdisciplinar que envolve conhecimentos de diferentes áreas para atingir os objetivos propostos. A pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa e constitui um estudo de caso, cujo *corpus* é construído a partir de cinco entrevistas gravadas em áudio com migrantes brasileiros atendentes de loja em Santa Elena. Os resultados da investigação evidenciam diferentes *ethé* nos enunciados dos sujeitos da pesquisa. Considerando a relação entre cultura e emprego da língua da comunidade de acolhida pelo falante estrangeiro, ficou evidente que, quanto melhor se fala uma língua, mais se desenvolve o sentimento de pertencer à cultura da qual ela faz parte.

Palavras-chave: *Ethos* discursivo. Migrantes. Fronteira. Comércio.

RESUMEN

SILVA, Nathália Oliveira da. **O *Ethos* do migrante brasileiro atendente de loja em Santa Elena de Uairén (Venezuela): o risco do exílio linguístico**, 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2014.

Este trabajo de investigación tiene como propósito investigar, a partir de las prácticas discursivas, *ethe* de migrantes brasileños que trabajan como vendedores en tiendas del comercio en Santa Elena de Uairén-Venezuela, considerando particularmente, la manera cómo se relacionan con la lengua de la comunidad de acogida. Con el objetivo de contextualizar los sujetos de este trabajo, asumo la noción de frontera en su perspectiva cultural y la noción de identidad posmoderna. Como aporte teórico, me direcciono por el análisis del discurso francés, especialmente por la noción de *ethos* discursivo. De esta manera, esta es una investigación de carácter interdisciplinar que involucra conocimientos de diferentes áreas para attingir los objetivos propuestos. La pesquisa se caracteriza como de naturaleza cualitativa y constituye un estudio de caso, cuyo *corpus* es construido a partir de cinco entrevistas gravadas en audio con migrantes brasileños vendedores en tiendas del comercio en Santa Elena. Los resultados de la investigación evidencian diferentes *ethe* en los enunciados de los sujetos de la investigación. Considerando la relación entre cultura y empleo de la lengua de la comunidad de acogida por el hablante extranjero, quedó evidente que, cuánto mejor se habla una lengua, más se desarrolla el sentimiento de pertenecer a la cultura de la cual ella hace parte.

Palabras clave: *Ethos* discursivo. Migrantes. Frontera. Comercio.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do discurso
SE	Santa Elena de Uairén
MBAL	Migrante brasileiro atendente de loja

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 Mapa da fronteira Brasil-Venezuela.....	43
Quadro 1 Perfil dos informantes.....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 CONDIÇÕES DISCURSIVAS	16
1.1 NOÇÃO DE FRONTEIRA.....	16
1.2 A NOÇÃO DE IDENTIDADE	19
1.2.1 Do Sujeito Iluminista ao Sujeito Pós-Moderno	20
1.2.2 A Produção da Identidade	22
1.3 A ANÁLISE DO DISCURSO E A PRODUÇÃO DA IDENTIDADE.....	23
1.3.1 Ethos Discursivo	31
2 CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA E CULTURAL DA FRONTEIRA BRASIL-VENEZUELA	35
2.1 A ESTRUTURAÇÃO DA FRONTEIRA BRASIL-VENEZUELA.....	35
2.1.1 O Espaço Sócio-histórico da Fronteira Brasil-Venezuela: Pacaraima	37
2.1.2 O Espaço Sócio-histórico da Fronteira Brasil-Venezuela: Santa Elena de Uairén	38
2.2 ATIVIDADES COMERCIAIS COMO DESTAQUE NA FRONTEIRA BRASIL- VENEZUELA.....	39
2.3 PRÁTICAS DISCURSIVAS COMO SOBREVIVÊNCIA NO EXÍLIO	41
3 METODOLOGIA	43
3.1 ESPAÇO PESQUISADO.....	43
3.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA	44
3.3 A CONSTRUÇÃO DO CORPUS.....	47
3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	47
4 ANÁLISE	49
4.1 <i>ETHOS</i> DA EVITAÇÃO	49
4.2 <i>ETHOS</i> DA ACEITAÇÃO	57
4.3 <i>ETHOS</i> DA OSCILAÇÃO	63
4.4 <i>ETHOS</i> E HIBRIDISMO LINGUÍSTICO-CULTURAL	69
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	74
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	79
ANEXO B - AUTORIZAÇÃO GRATUITA DE DIREITOS DE ENTREVISTA GRAVADA EM ÁUDIO E DE USO DE IMAGENS.....	81
ANEXO C - QUESTIONÁRIO SÓCIO-LINGUÍSTICO REALIZADO COM OS MIGRANTES BRASILEIROS ATENDENTES DE LOJA EM SANTA ELENA	82
ANEXO D- ROTEIRO DE ENTREVISTA COM MIGRANTES BRASILEIROS ATENDENTES DE LOJA EM SANTA ELENA (MBAL)	83

ANEXO E- CONVENÇÕES PARA TRANSCRIÇÃO DE DADOS	84
ANEXO F- TRANSCRIÇÕES DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO	85
ANEXO G - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM MIGRANTES BRASILEIROS ATENDENTES DE LOJA EM SANTA ELENA	86

INTRODUÇÃO

Sabe-se, com Revuz (2006), que, em situações de exílio linguístico, os indivíduos apresentam comportamentos distintos que vão da aceitação à evitação do emprego da língua do outro. Diante disso, nesta dissertação, investigo, a partir da análise de práticas discursivas, *ethé* de migrantes brasileiros que trabalham como atendentes de loja no comércio de Santa Elena de Uairén-Venezuela, considerando, particularmente, a maneira como se relacionam com a língua da comunidade de acolhida.

A fronteira Brasil-Venezuela caracteriza-se como um “entre-lugar” marcado pela diversidade linguístico-cultural. Apesar dos aproximados 15 km que separam as cidades fronteiriças, do lado brasileiro, Pacaraima e do lado venezuelano, Santa Elena de Uairén (doravante Santa Elena), a movimentação entre essas cidades é intensa, principalmente em virtude de interesses comerciais e do fato de moradores residirem de um lado da fronteira e trabalharem ou estudarem do outro.

Uma realidade comum nessa região é a permanência de brasileiros atuando em diversos ramos comerciais do lado venezuelano. Esse fato os coloca em contato com a cultura, os costumes, as tradições e a língua do outro (venezuelano), no entanto, não os priva do contato constante com indivíduos da mesma nacionalidade, visto que a zona comercial e as facilidades em atravessar a fronteira atraem um grande quantitativo de brasileiros, todos os dias, para a cidade vizinha. Em vista disso, há uma interação constante entre os falantes do português brasileiro e os falantes da variedade do espanhol falada na Venezuela.

Esse cenário que encerra uma grande diversidade linguístico-cultural constitui um espaço propício para o estudo aqui empreendido, uma vez que apresenta como principal atividade econômica o comércio, cujo desempenho depende da comunicação entre os indivíduos envolvidos.

Considerando que o trabalho é de natureza transdisciplinar, faz-se necessária a conjunção de conhecimentos de áreas distintas. Para a consolidação das análises de práticas discursivas, tomo como apoio teórico a Análise do Discurso em sua vertente francesa, especialmente nos termos de Maingueneau (1989, 2002, 2008, 2011). Tal modelo é adequado aos objetivos do trabalho, uma vez que lida com a

noção de *ethos* discursivo, caracterizado como a imagem de si que o enunciador constrói a partir de seu dizer.

Outras fontes teóricas também são requeridas para a consolidação das análises propostas. Uma vez que o trabalho lida com a noção de *ethos* que guarda estreita relação com a construção identitária dos sujeitos envolvidos, necessário se faz abordar a concepção de identidade pós-moderna, conceito que considera o sujeito como fragmentado e não essencialista, construído e transformado continuamente pelos sistemas culturais que o circundam (HALL, 2006). De igual relevância, tem-se o conceito de fronteira adotado nesta dissertação, em virtude do espaço estudado, abandona-se a noção estritamente espacial e adota-se a noção híbrida de fronteira simbólica e cultural, que, segundo Bhabha (1998), constitui-se de um terceiro espaço, um “entre-lugar”, no qual tempo e espaço se cruzam para originar figuras complexas de identidade e diferença.

Do ponto de vista da constituição do *corpus*, os dados utilizados na dissertação foram coletados mediante cinco entrevistas gravadas com migrantes brasileiros que residem e trabalham no comércio em Santa Elena. As entrevistas foram construídas partindo-se de três temas gerais relevantes para os objetivos da investigação, quais sejam: Identidade e Diferença, Identidade Profissional e Identidade Linguística.

A pesquisa aqui desenvolvida é de caráter qualitativo, dessa maneira fundamenta-se na relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, caracterizando-se como um campo transdisciplinar que envolve conhecimentos das ciências humanas e sociais para estudar um determinado fenômeno (CHIZZOTTI, 2003, p. 221). A investigação configura-se também, em acordo com Gonsalves (2007), como sendo um estudo de caso, já que elege uma determinada comunidade de informantes para analisar a problemática em questão.

Do ponto de vista de sua estruturação, esta dissertação é constituída de quatro capítulos que são distribuídos da seguinte maneira:

O capítulo 1, *Condições discursivas*, apresenta traços singulares condicionantes da formação discursiva dos sujeitos e o direcionamento teórico que suporta as análises. Contempla, primeiramente, a noção de fronteira em sua perspectiva pós-moderna marcada pelo simbólico e cultural. Na sequência do capítulo, tem-se a noção de identidade, com destaque especial para sua concepção

pós-moderna, a qual é assumida nesta dissertação. Em seguida, aborda o suporte teórico que norteará a pesquisa, a Análise do Discurso de linha francesa, com a intenção de contextualizar, em especial, a noção de *ethos*. E, para finalizar, apresenta a noção de *ethos* discursivo a partir dos trabalhos de Maingueneau (1989, 2002, 2008, 2011).

O capítulo 2, *Contextualização sócio-histórica e cultural da fronteira Brasil-Venezuela*, retrata a configuração do espaço ocupado pelos sujeitos da pesquisa, indo além da territorialidade geográfica e passando ao entendimento da fronteira em seu sentido cultural. Dessa maneira, primeiramente aborda a formação da fronteira Brasil-Venezuela, trazendo um pequeno histórico do processo de consolidação dessa fronteira. Em seguida, expõe o espaço sócio-histórico das cidades de Santa Elena e Pacaraima. Na sequência, trata das atividades comerciais como destaque na fronteira e, para finalizar, aborda as práticas discursivas como sobrevivência no exílio.

O capítulo 3, *Metodologia*, contém informações sobre a natureza dos dados analisados, considerando o espaço pesquisado, os sujeitos da pesquisa, a construção dos dados e os procedimentos adotados na análise.

Finalmente, o capítulo 4, *Análise dos dados*, apresenta a análise das práticas discursivas dos migrantes brasileiros atendentes de loja em Santa Elena. A análise divide-se em três seções nas quais busco evidenciar *ethe* que emergem do discurso desses migrantes.

1 CONDIÇÕES DISCURSIVAS

Neste capítulo, exponho o suporte que fundamenta a pesquisa. Em função da complexidade do tema abordado, trata-se de um conjunto de conceitos e noções de caráter transdisciplinar que envolve não apenas conhecimentos linguísticos, mas também de outras áreas das ciências sociais, especialmente aqueles estudos que se voltam para a construção da subjetividade. Considerando que esta proposta de trabalho centra-se na análise dos *ethé* de sujeitos que habitam um espaço de fronteira a partir de suas práticas discursivas, necessário se faz estabelecer as condições em que se dão os discursos desses sujeitos. Com esse propósito é que em (1.1) investigo o conceito de fronteira que, à semelhança da concepção de identidade aqui assumida, segue a perspectiva pós-moderna e é aqui entendida como um “entre-lugar” caracterizado pelo simbólico e cultural; em seguida, em (1.2), analiso a noção de identidade, estreitamente ligada à noção de *ethos*, fazendo uma breve apreciação sobre sua mudança de concepção na passagem da modernidade para a pós-modernidade, enfatizando essa última concepção que é aquela que se ajusta à realidade dos sujeitos pesquisados; finalmente, em (1.3), apresento a teoria que norteará a pesquisa, a Análise do Discurso de linha francesa, com o intuito de contextualizar teoricamente a noção de *ethos*, conceito crucial para a dissertação, a partir dos trabalhos de Maingueneau (1989, 2002, 2008, 2011).

1.1 NOÇÃO DE FRONTEIRA

Tendo em conta que o espaço a ser pesquisado constitui uma área típica de fronteira, ponto de interseção entre espaços físicos e culturais que interagem e se hibridizam, a compreensão desse termo torna-se, por demais, relevante para a proposta da pesquisa, razão pela qual, esta seção é dedicada à compreensão do que aqui se entende por fronteira, trazendo tal conceito em uma perspectiva cultural, e sendo esta a noção adotada nesta dissertação.

Tradicionalmente, a concepção de fronteira esteve restrita à dimensão geopolítica. Segundo Pesavento (2002, p. 36), “(...) há uma tendência para pensar as fronteiras a partir de uma concepção que se ancora na territorialidade e se desdobra no político”. Seguindo esse ponto de vista, é comum pensar a fronteira

como uma linha imaginária que separa dois territórios, com características aparentemente distintas, “(...) nesse sentido, fronteira é, sobretudo, encerramento de um espaço, delimitação de um território, fixação de uma superfície” (loc. cit.).

As mudanças ocorridas com a pós-modernidade em tempos globalizantes, todavia, determinaram profunda mudança nessa concepção tradicional, tornando-a mais complexa, na medida em que tal concepção ultrapassa a mera noção de divisão territorial e se caracteriza, sobretudo, pelo simbólico e cultural.

Em consonância com essa nova configuração, Pesavento (2002, p. 35-36) defende as fronteiras como sendo, essencialmente, simbólicas e culturais. Simbólicas por serem produtos das representações de um mundo paralelo de sinais que possibilita ao homem perceber e qualificar a si mesmo, ao corpo social, ao espaço e ao próprio tempo; culturais, por serem construções de sentido, estando no jogo social das representações que institui classificações, hierarquizações e limites, direcionando o olhar e a apreciação sobre o mundo.

Dessa forma, fronteiras, na perspectiva de Pesavento (2008, p. 179), são portas e janelas que em seus sentidos literais e metafóricos permitem a passagem, abrem para a comunicação e aproximação das partes, criando correspondências, vínculos, percurso de vida em paralelo, oposições e competições.

É justamente por construírem sentidos que guiam a percepção da realidade que as fronteiras não podem ser pensadas apenas como marcos divisórios que impõem limites. De acordo com Pesavento, é necessário pensá-las na sua outra dimensão, considerando seu caráter móvel, híbrido e mestiço:

Elas (fronteiras) também induzem a pensar na passagem, na comunicação, no diálogo e no intercâmbio. Figurando um trânsito não apenas de lugar, mas também de situações ou época, assim como de população, esta dimensão aponta para uma nova reflexão: a de que, pelo contato e permeabilidade, a fronteira é, sobretudo, híbrida e mestiça (PESAVENTO, 2002, p. 36).

Segundo essa autora (loc. cit.), as fronteiras culturais devem ser entendidas como transcendentais. “Fronteira é um limite sem limites que aponta para um além” (loc. cit.). Essa concepção que remete à mobilidade, trânsito, transposição de limites, permite enxergar na fronteira um espaço tanto modificado como modificador da realidade local.

Nessa mesma linha de pensamento, Bhabha (1998, p. 19) defende que o “além” não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado, mas sim um movimento exploratório incessante, no qual tempo e espaço se cruzam para originar figuras complexas de identidade e diferença. Diante disso, Bhabha (1998) evidencia a diferença entre estar no “além” e residir do “além”:

Estar no “além”, portanto, é habitar um espaço intermédio como qualquer dicionário lhe dirá. Mas residir “no além” é ainda, como demonstrei, ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao presente para redescrever nossa contemporaneidade cultural; reinscrever nossa comunidade humana; tocar o futuro em seu lado de cá (BHABHA, 1998, p.27).

Nessa perspectiva, Bhabha (1998, p. 23) defende que ultrapassar o limite, ou seja, o próprio ato de ir além é “(...) incognoscível, irrepresentável, sem um retorno ao presente (...)”, é nesse sentido que a fronteira se torna um lugar em constante processo de transformação e os sujeitos que nela convivem, jamais voltarão a ser os mesmos que ali chegaram.

Essa transformação constante se dá, segundo Pesavento (2002, p. 37), pela mistura, troca, hibridismo, mestiçagem cultural e étnica que ocorre na fronteira e, como consequência, há o surgimento de algo novo e diferente. O mais além para o qual aponta a fronteira cultural é um terceiro, um novo que se insinua, no qual é possível “(...) encontrar novos sujeitos, novas construções, novas percepções de mundo” (loc. cit).

Esse entre-lugar ou terceiro espaço, termo usado por Bhabha (1998, p. 20) para definir fronteira cultural:

Fornece o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.

O entre-lugar ou terceiro espaço funciona como um porta-voz de histórias dissoantes, ele se torna o lugar a partir do qual novas identidades se evidenciam em um movimento contínuo e ambivalente. Sempre, e sempre de modo diferente, o sujeito é resignificado (BHABHA, 1998).

Esse viés de compreensão da fronteira como um terceiro espaço permite confrontar as percepções de identidade, em particular, as identidades nacionais. De acordo com Silva (2000, p. 87), “(...) o hibridismo - mistura, conjunção entre diferentes nacionalidades - coloca em xeque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas, divididas, segregadas”. Como resultado desse processo, tem-se uma identidade que não é nenhuma das identidades originais, porém carrega traços delas (loc. cit).

Em concordância, Bhabha (1998, p. 24) expõe que os próprios conceitos de culturas nacionais homogêneas estão em profundo processo de transformação:

(...) a própria idéia de uma identidade nacional pura, “eticamente purificada” só pode ser atingida pela morte, literal e figurativa, dos complexos entrelaçamentos da história e por meio das fronteiras culturalmente contingentes da nacionalidade [*nationhood*] moderna.

Esta percepção do conceito de identidade em virtude do hibridismo é ainda mais marcante em situação de fronteira, visto que, conforme Silva (2000, p. 89), “Se o movimento entre fronteiras coloca em evidencia a instabilidade da identidade, é na própria linha de fronteira, nos limiares, nos interstícios que sua precariedade se torna mais visível”.

Dessa forma, foi percebido que a noção de fronteira como barreira que separa dois territórios linearmente estabelecidos, esbarra na atual concepção de fronteira cultural pós-moderna. Esta noção que transcende o local e eleva esse conceito para o plano do simbólico e cultural permite compreender melhor os sujeitos que habitam a fronteira Brasil-Venezuela em estudo neste trabalho.

1.2 A NOÇÃO DE IDENTIDADE

Definir o termo identidade nos dias atuais é uma questão complexa e polêmica que divide opiniões, inclusive, de especialistas no assunto. A razão para essa dificuldade, que leva Hall (2000, p. 104) a afirmar que o termo identidade está “sob rasura”, está relacionada à mudança de concepção desse termo na passagem da modernidade para a pós-modernidade, em decorrência de mudanças na estrutura

social no final do século XX que fragmentaram as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade antes tidas como sólidas bases de localização dos indivíduos sociais (HALL, 2006, p. 9).

Segundo Hall (2006, p. 9), portanto, essas transformações estão modificando nossas identidades pessoais, desestabilizando a percepção que temos de nós mesmos como sujeitos integrados. Para o autor, o cenário pós-moderno possibilita um duplo deslocamento do sujeito, que envolve tanto a descentração do indivíduo de sua posição no mundo social e cultural quanto de si mesmo.

Para compreender essa nova posição que o sujeito assume na pós-modernidade, faço uma breve retrospectiva da evolução do conceito de identidade, de forma a permitir a compreensão de que as transformações das estruturas e processos centrais da sociedade foram determinantes para a construção da perspectiva atual de identidade pós-moderna.

1.2.1 Do Sujeito Iluminista ao Sujeito Pós-Moderno

Hall faz menção a três concepções de identidade. A primeira se caracteriza pelo sujeito do iluminismo, "(...) indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado da capacidade da razão, de consciência de ação" (HALL, 2006, p.10). Seu centro, considerado sua identidade, era constituído de um núcleo interior que se mantinha essencialmente o mesmo ao longo de sua existência.

Posteriormente ao sujeito do iluminismo, surgiu a noção de sujeito sociológico que "(...) refletia a crescente complexidade do mundo moderno" (HALL, 2006, p. 11). Essa concepção defendia que o núcleo interior do sujeito não era autossuficiente, mas constituído nas relações formadas com os outros, ou seja, a identidade era formada na interação entre o sujeito e os mundos culturais exteriores a ele.

Dessa forma, o sujeito sociológico se estabelece pela interação entre seu mundo interior e o exterior, projetando-se no mundo cultural e sendo influenciado pelos seus significados e valores, alinhando os sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que o sujeito ocupa no espaço cultural e social (ibid, p. 12).

A terceira concepção de identidade refere-se ao sujeito pós-moderno que é compreendido como um ser em constante processo de transformação (HALL, 2006, p.13). A concepção de identidade unificada modificou-se, fazendo surgir novas

identidades e fragmentando o indivíduo. O sujeito pós-moderno, portanto, não possui uma identidade fixa, permanente ou essencial. Este sujeito assume distintas identidades, dependendo do contexto interacional e dos grupos sociais em que está inserido.

Assumir que o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa, permanente, mas instável implica reconhecer que tal conceito é definido historicamente e não biologicamente (ibid, p. 13), como pressupunha a noção tradicional. É, pois, essa mudança de concepção, quer dizer, a assunção de um sujeito constituído historicamente que permite conceber a identidade como múltipla, não essencial, isto é, não unificada em torno de um “eu” coerente (loc. cit.), mas descentrada ou deslocada do sujeito.

A identidade, do ponto de vista pós-moderno, portanto, configura-se como uma “celebração móvel”, constituída e transformada continuamente em relação à maneira como somos representados ou interpelados nos sistemas culturais ao nosso redor (Hall, 2006, p. 13). Nesse sentido, Bauman (2005, p. 17), ao tratar da noção de identidade e de pertencimento a uma determinada comunidade, se expressa como segue:

(...) o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, (...) as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.

Nessa perspectiva, o indivíduo pode apresentar diferentes performances, modificando-se à medida que as relações com o outro vão sendo estabelecidas, sem jamais retornar ao que antes era. Nesse sentido, é comum associar a intensificação dessa concepção pós-moderna, dinâmica e descentrada de conceber a identidade com o fenômeno da globalização, a qual, segundo Bauman (1999, p. 7) encerra uma compressão tempo/espaço que afeta a condição humana.

De acordo com Hall (2006, p. 67), a globalização é um complexo processo de forças de mudança. Nesse sentido, Berenblum (2003, p. 84) expõe que o termo globalização possui significado ideológico capaz de designar processos atuais de

transformação (política, econômica, cultural, etc.) que intensificam as conexões e relações entre os estados e seus diferentes setores.

Dessa forma, a globalização distancia a noção de sociedade como um sistema bem delimitado e centra-se na perspectiva de como a vida social está ordenada no tempo e no espaço (GIDDENS, 1991, p. 75-76). As sociedades pós-modernas são caracterizadas por mudanças constantes, rápidas e permanentes, mudanças essas que se intensificam à medida que áreas diferentes do globo são postas em interconexão e ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície terrestre (HALL, 2006, p. 67).

A globalização, no entanto, possui efeitos contraditórios. Ao mesmo tempo em que permite uma interconexão global, gerando uma falsa sensação de homogeneidade, ela possibilita uma fragmentação do sujeito, pois essa exacerbação do contato com várias pessoas dificulta cada vez mais a instauração de uma identidade única, fixa. Deixamos de ser um, para ser múltiplos e fragmentados.

É nessa perspectiva que a noção de identidade pós-moderna e sua consequente fragmentação do sujeito pode ser compreendida dentro do fenômeno da globalização. Segundo Woodward (2000, p. 21), esse fenômeno que possibilita a dispersão das pessoas ao redor do globo através da migração, tem impacto tanto no país de origem quanto no de destino, permitindo que as identidades sejam moldadas em diferentes lugares e por diferentes lugares.

1.2.2 A Produção da Identidade

Segundo Silva (2000, p. 73), a perspectiva do “multiculturalismo” se limita a reconhecer a diversidade, tendendo a conceber a identidade e a diferença como cristalizadas, naturalizadas, essencializadas. Para ele, em vez dessa posição de tolerância, é preciso reconhecer que identidade e diferença “(...) são o resultado de atos de criação *linguística*” (ibid, p. 76). Diante disso, esse autor sugere que necessário se faz uma “teoria sobre a produção da identidade e da diferença”.

Nesse sentido, Hall (2000, p. 105), em acordo com Foucault, assume que “o que nos falta, neste caso, não é ‘uma teoria do sujeito ‘cognoscente’, mas ‘uma teoria da prática discursiva’ que não refute o sujeito, mas o considere em sua nova posição, deslocado no interior dos modelos culturais e sociais. É a partir da

compreensão de que sujeito e práticas discursivas são imbricados que é possível repensar a questão da identidade:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (HALL, 2000, p. 109).

1.3 A ANÁLISE DO DISCURSO E A PRODUÇÃO DA IDENTIDADE

Uma vez que a proposta deste trabalho envolve a análise de *ethos* através de práticas discursivo-identitárias e que a concepção de identidade, como observado na seção precedente, é tomada numa perspectiva pós-moderna, isto é, não essencial nem estática, necessário se faz tomar como apoio teórico um modelo que permita uma análise que considere a identidade como dinâmica, construída do ponto de vista sócio-histórico. Em função disso, dentre os modelos possíveis, optamos pela Análise do Discurso da linha francesa (doravante AD), cujos traços característicos imprescindíveis à execução das análises aqui propostas são oferecidos a seguir.

O surgimento da AD se dá com a “historicização das estruturas” (GREGOLIN, 2004, p. 25) que consiste numa releitura do estruturalismo particularmente da oposição língua/fala (SAUSSURE, 1995), em diálogo com a noção de ideologia tomada do materialismo histórico de Marx sob a ótica de Althusser e a noção de inconsciente de Freud revista por Lacan, como se pode observar nas palavras de Henry acerca da posição assumida por Pêcheux sobre os fundamentos da “Análise automática do discurso”, livro deste autor que marca a instituição da Análise do Discurso enquanto teoria:

(...) ele queria se apoiar sobre o que lhe parecia já ter estimulado uma reviravolta na problemática dominante das ciências sociais: o materialismo histórico tal como Louis Althusser o havia renovado a partir de sua releitura de Marx; a psicanálise, tal como a reformulou Jacques Lacan, através de seu "retorno a Freud", bem como certos aspectos do grande movimento chamado, não sem ambiguidades, de estruturalismo (HENRY, 1997, p. 14).

Trata-se, pois, de um problema de ordem epistemológica colocado por Pêcheux, segundo o qual a noção de língua enquanto sistema está fundada na concepção idealista de um sujeito fonte do que diz. Opondo-se a esta concepção, conforme este autor, “(...) a ‘língua’ como sistema se encontra contraditoriamente ligada, ao mesmo tempo, à ‘história’ e aos ‘sujeitos falantes’ (...)” (PÊCHEUX, 1997b, p. 22), de forma que essa contradição deve moldar as pesquisas linguísticas, o que deve ser feito considerando “(...) determinações não-sistêmicas que, à margem do sistema, se opõem a ele e intervêm nele” (loc. cit.).

Assim, para dar conta dessa relação da língua com a história e os sujeitos falantes, necessário se faz ir além do que se convencionou chamar de núcleo rígido da linguística, o qual remete “(...) ao estudo da ‘língua’, no sentido saussuriano, a uma rede de propriedades formais (...)” (MAINGUENEAU, 1989, p. 11), assumindo “(...) uma periferia cujos contornos instáveis estão em contato com as disciplinas vizinhas (sociologia, psicologia, história, filosofia, etc)” (loc. cit.).

É, pois, com esse propósito de inscrever o fenômeno linguístico sócio-historicamente que Pêcheux e Fuchs (1997, p. 163-4), ao fazerem uma avaliação da proposta da Análise Automática do Discurso (PÊCHEUX, 1997a), observam uma articulação da teoria das ideologias (do materialismo histórico como formação social) com a linguística (conjunto dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação) e com a teoria do discurso (teoria da determinação histórica dos processos semânticos); e, além disso, consideram essas três regiões do conhecimento científico atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica).

Do materialismo histórico, esses autores estão interessados “(...) na superestrutura ideológica em sua ligação com o modo de produção que domina a formação social considerada” (ibid, p. 165), levando em conta, especialmente a posição de Althusser. Em sua releitura do materialismo histórico acerca do que determina as condições sociais, Althusser põe em evidência a constituição materialista das ideologias, cujo conhecimento objetivo independe do sujeito, como se observa no trecho:

(...) as ideologias têm existência material, ou seja, devem ser estudadas não como idéias, mas como um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção. Trata-se do materialismo histórico, que dá ênfase

à materialidade da existência, rompendo com a pretensão idealista de ciência de dominar o objeto de estudo controlando-o a partir de um procedimento administrativo aplicável a um determinado universo, como se a sua existência se desse no nível das idéias (ALTHUSSER, 1970, apud MUSSALIM, 2001, p. 103).

Especificamente acerca do modelo econômico capitalista, Althusser entende que a reprodução social nesse modelo é construída historicamente e se dá sob certas condições que envolvem uma circularidade entre a infraestrutura (base econômica que envolve a divisão de trabalho entre os que detêm o capital e os que vendem a mão-de-obra) e a superestrutura (instâncias político-jurídicas e ideológicas), de forma que a infraestrutura determina a superestrutura e é por esta perpetuada. Portanto, sendo a ideologia parte da superestrutura, ela deve ser “(...) concebida como uma reprodução do modo de produção, uma vez que por ele determinado” (MUSSALIM, 2001, p. 104).

Desse ponto de vista, o Estado é um aparelho repressivo que em conjunto com os chamados aparelhos ideológicos, instituições tais como a educação e a religião, cujas práticas e discursos funcionam pela ideologia, reproduzem a ideologia dominante (loc. cit.). Portanto, nessa perspectiva, a linguagem (discurso) constitui o meio pelo qual se pode depreender o funcionamento da ideologia, pelo qual esta se materializa. É justamente por isso que a linguística constitui área de conhecimento relevante para a proposta de Pêcheux.

Todavia, para o estudo da materialidade da linguagem não se presta a concepção saussuriana da oposição *langue/parole* (SAUSSURE, 1995) na qual a língua é tomada como objeto de estudos da linguística. Acerca dessa oposição, assim se manifesta Pêcheux:

(...) esta oposição autoriza a reaparição triunfal do sujeito falante como *subjetividade em ato*, unidade ativa de intenções que se realizam pelos meios colocados a sua disposição; em outros termos, tudo se passa como se a linguística científica (tendo por objeto a língua) liberasse um resíduo, que é o conceito filosófico de sujeito livre, pensado como o avesso indispensável, o correlato necessário do sistema. A fala, enquanto uso da língua, aparece como um *caminho da liberdade humana*; avançar no caminho estranho que conduz dos fonemas ao discurso é passar *gradatim* da necessidade do sistema à contingência da liberdade (...) (PÊCHEUX, 1997a, p. 71-72)

Assim, implicitamente a concepção saussuriana de fala assume um sujeito liberto cujas intenções se realizam pelos meios fornecidos pela sua contraparte sistêmica (a língua) – sua “subjetividade em ato”.

Diferentemente dessa posição e apoiado na perspectiva althusseriana, Pêcheux vê na fala o local adequado para o estudo da linguagem, por constituir um ato concreto pelo qual o sujeito se enuncia, produzindo alterações de sentido em acordo com a posição social que ocupa (MUSSALIM, 2001, p. 105). Entretanto, do ponto de vista de Pêcheux (1997), não se pode conceber, como está implícito na concepção saussuriana, “fala” como ato individual, o que implica uma visão idealista, cujo sujeito constitui a origem do que diz, mas como “discurso”, já que constituído por um sujeito histórico, inscrito em uma *formação discursiva-ideológica* específica que determina a construção de sentido do enunciado proferido pelo sujeito, como se observa nos trechos:

(...) o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico, (...) *mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam* (...) em referência às formações ideológicas (...) nas quais essas posições se inscrevem (...). Chamaremos, então, de formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o *que pode e deve ser dito* (PÊCHEUX, 1997b, p. 160).

Há, conforme o autor, uma “intrincação” da formação discursiva na formação ideológica (ibid, p. 182), de forma que a materialidade do discurso e do sentido ocorre quando “(...) os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeito-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (ibid, p. 161). Dessa interpelação resulta a forma-sujeito, isto é, “(...) a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente de suas práticas sociais” (ALTHUSSER, 1973, p. 67 apud PÊCHEUX, 1997b, p. 183).

Todavia, esse processo discursivo é obscurecido para o sujeito, porque o sentido lhe aparece como transparente na literalidade, não revelando sua dependência da formação discursivo-ideológica (ibid, p. 160), o que lhe faz crer que

é a origem de seu discurso. É por essa razão que a noção de inconsciente de Freud, revista por Lacan se torna essencial para a proposta da AD.

Com a noção de inconsciente, “(...) o conceito de sujeito sofre uma alteração substancial, pois seu estatuto de entidade homogênea passa a ser questionado diante da concepção freudiana de sujeito clivado, dividido entre o consciente e o inconsciente” (MUSSALIM, p. 107). Desenvolvendo a noção de inconsciente:

(...) Lacan assume que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, como uma cadeia de significantes latente que se repete e interfere no discurso efetivo, como se houvesse sempre, sob as palavras, outras palavras, como se o discurso fosse sempre atravessado pelo discurso do Outro, do inconsciente (loc. cit.).

Tomando essa concepção de inconsciente, que, para Pêcheux (1997b, p. 157), “(...) é boa, porque nela é que está a questão do sujeito como processo (de representação) interior ao não-sujeito constituído pela rede de significantes”, este autor estabelece os conceitos de intradiscurso e interdiscurso, que são caracterizados resumidamente por Serrani como segue:

O *intradiscurso* diz respeito à consideração das sequências linguístico-discursivas efetivamente formuladas na cadeia – horizontal – do dizer. Trata-se do fio do discurso, da dimensão linear da linguagem. Ao focalizarmos o intradiscurso examinamos o que um enunciador efetivamente formula em um momento dado, em sua relação ao que disse antes e enunciará depois. O *interdiscurso* remete à dimensão não linear do dizer, às memórias implícitas que atravessam – verticalmente – todo o discurso (SERRANI, 2005, p. 64).

Conforme Pêcheux:

(...) o *interdiscurso enquanto discurso-transverso* atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo *interdiscurso enquanto pré-construído*, que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como ‘sujeito falante’, com a formação discursiva que o assujeita. (...) o intradiscurso, enquanto ‘fio do discurso’ do sujeito, é, a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma ‘interioridade’ inteiramente determinada como tal ‘do exterior’ (PÊCHEUXb, 1997, p. 167).

Disso se conclui que a constituição do sujeito, e de sua identidade, se dá a partir de um ‘já-dito’, o interdiscurso, articulado no discurso do sujeito, seu

intradiscurso, e que, sendo o interdiscurso – o discurso do Outro, a cadeia de significantes – exterior, isto é, vinculado a uma formação discursiva, a ideologia nesta imbricada é dada, de forma inconsciente, como evidência para o sujeito interpelado, que se assujeita a tal formação e com ela se identifica.

Nessa concepção, portanto, assim como a produção da formação social em um modelo econômico é constituída historicamente e sob certas condições envolvendo o embate entre classes sociais, assim também, o discurso se dá sob determinadas condições de produção definidas historicamente que dizem respeito “(...) ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto do discurso” (PÊCHEUX, 1997a, p. 78). Isso significa que, ao se pronunciar, o sujeito não é assim tão livre como pressupõem modelos formais restritos ao sistema linguístico, mas obedece à(s) formação(ões) discursivo-ideológicas na(s) qual(is) está inscrito.

Maingueneau (1989) também considera que fatores históricos afetam o discurso, mas, apoiado em estudos da enunciação e da pragmática, “(...) esforça-se em rearticular o discurso sobre a suposta ‘cena’ de enunciação e, além disso, aprofundar o caráter institucional da atividade discursiva” (p. 21), de forma que, para ele, o termo “discurso” faz referência “(...) à linguagem apenas à medida que esta faz sentido para sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas” (p. 11-12).

Em função dessa posição do autor vinculada à enunciação e à pragmática, partindo de uma noção mais ampla de discurso: “(...) uma dispersão de textos, cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas” (MAINGUENEAU, 2008, p.15), concentra-se no lugar de articulação de um funcionamento discursivo e sua inscrição histórica, visando às “(...) condições de uma ‘enunciabilidade’ passível de ser historicamente circunscrita.” (ibid, p. 17), movimentando-se rumo a uma caracterização mais detalhada do discurso, como descrito nos próximos oito parágrafos, que tomam base em Charaudeau e Maingueneau (2012, p. 170-2), Maingueneau (2002, p. 52-56).

Uma primeira característica diz respeito ao fato de que *o discurso supõe uma organização transfrásica*, o que não diz respeito à sua manifestação por meio de sequência de palavras superior à frase, mas ao fato de que ele se estrutura em uma outra ordem, isto é, submete-se a regras de organização vigentes em um grupo

social, as dos múltiplos gêneros de discurso (uma crônica não se estrutura como uma dissertação ou um manual de instrução).

O discurso é orientado, quer dizer, é concebido em função do propósito ou perspectiva do autor, desenvolve-se no tempo, linearmente, e é construído em função de uma finalidade, mas sua direção pode ser desviada (digressões...) e sua linearidade manifesta-se frequentemente por antecipações ou retomadas (veremos que...; ou melhor...) que permitem o controle da fala pelo locutor. As condições de processamento linear do texto variam conforme se trate de um enunciado monologal, por exemplo, um livro, ou enunciado dialogal, em especial, situações de interações orais, nas quais, em função das reações do outro, palavras escapam, fazendo-se necessário recuperá-las ou torna-las mais precisas.

O discurso é uma forma de ação, uma vez que falar é agir sobre o outro, de forma que toda enunciação constitui um ato (prometer, sugerir, afirmar, interrogar, etc) que visa modificar uma situação e é inseparável da instituição que este ato pressupõe pelo simples fato de ser realizado, de forma, por exemplo, que quem dá uma ordem supõe estar habilitado a fazê-lo e põe seu interlocutor na posição de obedecer, isto é, o ato implica as condições, e não o contrário (MAINGUENEAU, 1989, p. 29-30). Conforme Maingueneau, em um nível superior, esses atos elementares integram-se em discursos de gêneros específicos (um panfleto, uma consulta médica, um telejornal).

O discurso é interativo e sua interatividade não se restringe à conversação, isto é, não se deve confundir interatividade oral com interatividade fundamental do discurso; neste último sentido, toda enunciação, mesmo sem presença de destinatário, é marcada pela interatividade constitutiva, em que há uma troca, explícita ou implícita, com outros enunciadores virtuais ou reais. Essa característica interativa do discurso sugere a substituição dos termos “locutor” e “destinatário” por “enunciador” e “coenunciador”, uma vez que a enunciação não tem sentido único.

O discurso é contextualizado, mas contexto aqui não é tomado como uma moldura ou cenário em que intervém o discurso, uma vez que o discurso contribui para definir e modificar o contexto, sendo, pois, impossível atribuir ao enunciado um sentido fora de contexto, por exemplo, dois coenunciadores podem conversar enquanto amigos e, em seguida, estabelecendo nova relação, assumir um o estatuto de médico, o outro, de paciente.

O discurso é assumido (por um sujeito), isto é, remete a uma instância ou sujeito, um eu que se põe como fonte de referências pessoais, espaciais e temporais e indica que atitude assume em relação ao que diz e a seu coenunciador – processo de modalização – pelo qual o enunciador pode colocar-se como fiador da veracidade do enunciado (está chovendo), modalizar seu grau de adesão (talvez esteja chovendo), atribuir a responsabilidade a outrem (conforme Paulo, está chovendo), comentar sua própria fala (na minha opinião, vai chover), tematizar (Paulo, ele não está em questão), ou apenas fingir assumir o enunciado, em caso de ironia. Essa característica do discurso que diz respeito às formas de subjetividade constitui um dos grandes eixos da análise do discurso.

O discurso é regido por normas, ou seja, a atividade verbal, inscrita na instituição da fala, como todo comportamento, é regido por normas, neste caso, as leis do discurso (leis da pertinência, da sinceridade, da informatividade, da exaustividade etc.). Cada ato de linguagem implica normas particulares, de forma que uma simples pergunta implica que o enunciador ignora a resposta, tem algum interesse nela e supõe que o coenunciador pode fornecê-la. Nenhum ato de enunciação pode efetuar-se sem justificar sua maneira de se apresentar como tal, sua legitimação.

Finalmente, o discurso é assumido em um interdiscurso, quer dizer, ele só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos, lugar no qual deve traçar seu caminho. A interpretação de um enunciado acarreta relacioná-lo a outros que se comentam, parodiam, citam etc. Cada gênero de discurso tem maneira própria de tratar a multiplicidade de relações interdiscursivas (um manual de filosofia não cita da mesma maneira, nem as mesmas fontes que um promotor de vendas). A própria vinculação de um discurso a um gênero (a conferência, o telejornal etc.) implica relacioná-lo ao conjunto ilimitado dos demais discursos do mesmo gênero.

Expostas estas características gerais da AD em conformidade, especialmente, com a posição de Maingueneau, na seção que segue volto-me para a noção de *ethos*, que representa uma grande contribuição dessa vertente da AD e constitui ferramenta essencial para as análises empreendidas neste trabalho.

1.3.1 *Ethos* Discursivo

A palavra *Ethos* vem do grego e significa “personagem”. Um dos primeiros a elaborar um conceito sobre esse termo foi Aristóteles que o definiu como sendo a maneira com que o enunciador utiliza uma imagem de si no discurso para convencer o auditório. Este conceito classifica-se na retórica de Aristóteles, que busca apresentar uma *techne* para analisar o que é persuasivo não para um ou outro indivíduo, mas para um ou outro tipo de indivíduo (Maingueneau, 2011).

O conceito de *Ethos* é usado em três perspectivas teóricas: na retórica, na pragmática e na AD, sendo esta última a perspectiva que será adotada neste estudo.

Na perspectiva da retórica, O *Ethos* está ligado à própria enunciação, ele se relaciona a imagem que o orador faz de si destinada a garantir o sucesso de sua oratória. Roland Barthes (1966 apud AMOSSY 2008) define o *Ethos* retórico como “os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão”, tornando-se, dessa forma, quase todo seu poder de persuasão.

Na pragmática, quem fez uso do termo *Ethos* foi o linguista francês Oswald Ducrot em seu estudo sobre pragmática-semântica. Sua teoria enfatiza a fala como ação que visa a influenciar o parceiro. Para Ducrot, é nas modalidades do dizer que é possível conhecer melhor a imagem produzida pelo locutor (L) - e não no que ele diz sobre si mesmo. Nesse sentido:

O *ethos* está ligado a L, o locutor como tal: é como origem da enunciação que ele se vê investido de certos caracteres que, em contrapartida, tornam essa enunciação aceitável ou recusável (DUCROT, 1984 apud AMOSSY, 2008, p. 15).

Apesar de utilizar o termo em sua teoria, Ducrot não desenvolveu uma reflexão sobre *ethos*.

Na terceira perspectiva teórica, tem-se o *ethos* dentro da AD, especialmente nos trabalhos de Dominique Maingueneau (1989, 2002, 2008, 2011). Em AD, o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, o enunciador legitima seu dizer no discurso. “(...) por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador”

(MAINGUENEAU, 2002, p. 97-98). Nesse sentido, a eficácia do *ethos* está em ele se envolver, de algum modo, no ato da enunciação, sem estar explícito no enunciado (ibid, p. 98).

Para a AD, o *ethos* possui algumas especificidades. A primeira questão é compreender que o *ethos* em AD não diz respeito somente à eloquência jurídica ou aos enunciados orais, como na retórica antiga, ele é válido para qualquer discurso, mesmo o escrito. É conferido ao discurso um *tom* que dá autoridade ao que é dito, esse *tom* permite ao leitor criar uma representação do corpo do enunciador (não necessariamente o corpo físico de quem fala ou escreve), dessa forma, a leitura faz surgir uma instância subjetiva, que exerce o papel de *fiador* do que é dito (MAINGUENEAU, 2002, p. 98).

Esse entendimento de *Ethos* vai além da dimensão vocal, envolve também o conjunto das determinações físicas e psíquicas conectadas pelas representações coletivas à personalidade do enunciador. Ao fiador são atribuídos um caráter - traços psicológicos e uma corporalidade - compleição corporal, maneira de vestir e movimentar-se no espaço social (MAINGUENEAU, 2002, p. 98):

O *ethos* implica, com efeito, uma disciplina do corpo apreendido por intermédio de um comportamento global. O caráter e a corporalidade do fiador provêm de um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, sobre as quais se apoia a enunciação que, por sua vez, pode confirmá-las ou modifica-las. Esses estereótipos culturais circulam nos domínios mais diversos: literatura, fotos, cinema, publicidade, etc (MAINGUENEAU, 2002, p. 99).

Diante dessa perspectiva, não basta apenas contemplar o texto, é necessário mobilizar o co-enunciador para fazê-lo aderir fisicamente a um determinado universo de sentido. O discurso persuade quando leva o leitor a identificar-se com o transito de um corpo formado por valores socialmente determinados. Dessa forma:

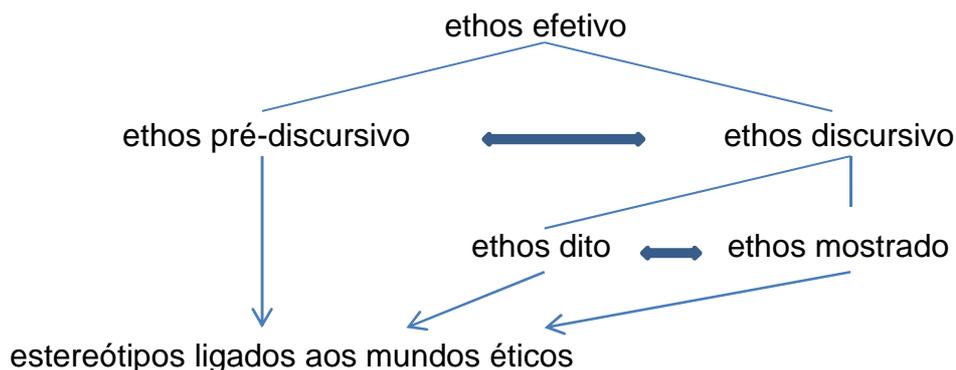
A qualidade do *ethos* remete, com efeito à imagem desse “fiador” que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado. Paradoxo construtivo: é por meio de seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer (...) *não podemos dissociar a organização dos conteúdos e a legitimação da cena de fala* (MAINGUENEAU, 2002, p. 99).

Além do próprio ato de legitimação do dizer, o *ethos* exerce uma ação sobre o co-enunciador, chamada de *incorporação*. A incorporação opera em três vias inseparáveis, são elas segundo Maingueneau, (2002, p. 99-100):

- A enunciação leva o co-enunciador a conferir um *ethos* ao seu fiador, ela lhe dá corpo;
- O co-enunciador *incorpora*, assimila, desse modo, um conjunto de esquemas que definem para um dado sujeito, pela maneira de controlar seu corpo, de habitá-lo, uma forma específica de se inscrever no mundo;
- Essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo, o da comunidade imaginária dos que comungam na adesão a um mesmo discurso.

Diante disso, o *ethos* só pode significar ao relacionar a cena da enunciação ao que está sendo incorporado pelo co-enunciador. Porém, não basta apenas entender as características do *ethos*, necessário se faz, compreender como se dá a construção do *ethos* efetivo. Para tanto, utilizo o esquema proposto por Maingueneau (2008, p. 19).

Neste esquema estão contidas as noções de *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo (*ethos* dito e *ethos* mostrado), e de estereótipos sociais. Observe o esquema:



Para compreender como o referido esquema funciona, passamos a noção de cada tipo de *ethos*. O *ethos* pré-discursivo refere-se à figura do locutor antes do dizer, às vezes pode não haver nenhuma informação sobre o que ele diz. Esse *ethos* é uma posição extradiscursiva que pode ser confirmada ou modificada dentro da cadeia discursiva, local onde se encontra o *ethos* discursivo.

O *ethos* discursivo é composto por *ethos* dito e *ethos* mostrado. O *ethos* dito refere-se a evocações da própria enunciação feitas pelo enunciador, seja diretamente (Eu, este colega que vos fala) ou indiretamente (metáforas, alusões e outras cenas de fala). De acordo com Maingueneau (2011, p.18), a diferenciação entre *ethos* dito e mostrado se encontra nos extremos de uma linha contínua, já que é impossível determinar uma fronteira nítida entre o “dito” e o exclusivamente “mostrado”. O *ethos* efetivo resulta da interação das várias instâncias, as flechas duplas do esquema indicam que há interação.

Têm-se, então, no esquema os estereótipos ligados aos mundos éticos. Os estereótipos são elementos indispensáveis para se construir o *ethos*, uma vez que na AD, de acordo com Maingueneau (2002, p 99), a imagem discursiva de si está ancorada em estereótipos de uma determinada cultura, esses estereótipos são compreendidos como um conjunto de representações coletivas que determinam, em parte, a apresentação de si.

As noções de *ethos* e de identidade guardam traços comuns, como se pode ver no fragmento: “O orador enuncia uma informação, e ao mesmo tempo diz: eu sou isto, eu não sou aquilo” (BARTHES, 1966 apud MAINGUENEAU, 2002, p. 98), de forma que, do ponto de vista de sua produção, ambos se revelam nas práticas discursivas do sujeito, observando-se, apenas, que o *ethos* é atribuído não apenas com base no conteúdo, mas também na maneira de dizer, isto é, em um tom.

Conforme Maingueneau (ibid, p. 99), é por meio do dizer que o fiador confere a si uma identidade compatível com o mundo que ele constrói em seu enunciado. Ou seja, o que está sendo dito só adquire sentido ao se filiar às formações discursivas presentes no discurso do enunciador.

Ressalte-se, ainda, que, assim como a identidade, o conceito de *ethos* discursivo não assume uma posição essencialista. A noção de *ethos* assume uma posição fragmentada, dinâmica e até contraditória, ao considerar que em uma mesma enunciação, um sujeito pode apresentar diferentes *ethe*, dependendo da situação discursiva na qual está inserido.

Assim, as análises que empreendo no capítulo 4 não buscam encerrar um único tipo de *ethos* no discurso de cada informante, mas mostram as possibilidades observadas nas enunciações de migrantes brasileiros atendentes de loja em Santa Elena.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA E CULTURAL DA FRONTEIRA BRASIL-VENEZUELA

Este capítulo apresenta o processo de consolidação e a situação cultural e linguística da fronteira Brasil-Venezuela, especificamente contemplando as cidades de Pacaraima (Brasil) e Santa Elena de Uairén (Venezuela).

O espaço fronteiriço aqui referido, segundo Rodrigues (2006), caracteriza-se por relações e movimentos de pessoas que transitam, deslocam-se e, dessa maneira, definem o lugar a partir dos efeitos produzidos e experiências adquiridas tanto nos aspectos culturais, como identitários. São sujeitos que vivem *na* fronteira e a fronteira, constituindo-se na pluralidade do contato com o outro.

Em vista disso, necessário se faz abordar a configuração do espaço ocupado por esse sujeito, transcendendo a territorialidade geografia e partindo para a fronteira em seu sentido cultural. Com esta finalidade é que em (2.1) apresento a formação da fronteira Brasil-Venezuela, trazendo um breve histórico do processo de consolidação dessa fronteira; em (2.1.1) abordo o espaço sócio-histórico da fronteira Brasil-Venezuela, especificamente referindo-me a cidade Pacaraima e em (2.1.2) o espaço sócio-histórico da fronteira Brasil-Venezuela, referindo-me a Santa Elena de Uairén; na sequência, em (2.2) trato das atividades comerciais como destaque na fronteira e em (2.3) das práticas discursivas como sobrevivência no exílio.

2.1 A ESTRUTURAÇÃO DA FRONTEIRA BRASIL-VENEZUELA

Segundo Silva (2012), o processo de estruturação do espaço sócio-histórico da fronteira Brasil-Venezuela se deu ao longo da colonização europeia na América do Sul. Suas características culturais e geopolíticas são refletidas na língua e na forma de representar discursivamente os ambientes físicos desse espaço, como nome de rios, plantas, lugares e outros.

De acordo com Freitas (1991), o processo de configuração da fronteira Brasil-Venezuela foi dinamizado, em especial, pela união entre as coroas portuguesa e espanhola no período de 1580 e 1640. Durante essa época os portugueses voltaram sua expansão para o interior do continente americano. Na ocupação do interior do país encontraram outras nacionalidades, principalmente na Amazônia, fato que os

levou à implantação de fortificações e guarnições militares em todo o norte e oeste do referido território.

A colonização das terras rumo à região da atual fronteira Brasil-Venezuela surge a partir do Rio Negro e Rio Branco no século XVII com a efetiva fixação dos portugueses em 1639, guiados por interesses especialmente econômicos, como a extração de matérias primas e especiarias. A expansão rumo a esses territórios possibilitou o contato principalmente com povos indígenas, além da assimilação forçosa da cultura e língua do colonizador por eles, em função do poderio político-militar luso-hispânico na região (SILVA, 2012, p. 31).

Foi somente em 1880 que se iniciou a demarcação da referida fronteira por Comissões Mistas brasileiro-venezuelanas que deram continuidade a esse trabalho até 1884. Porém, o reconhecimento e efetivação da fronteira aconteceram em 1859 com a assinatura do Tratado de Caracas e em 1928 pelo Tratado do Rio de Janeiro (SILVA, 2012, p. 32).

Na atualidade, a extensão territorial da fronteira Brasil-Venezuela é de 2.199 Km, sendo estabelecida da seguinte forma:

A linha divisória entre o Brasil e a Venezuela começa no ponto de trijunção das fronteiras Brasil-Colômbia-Venezuela, no talvegue do rio Negro, e segue por uma reta de aproximadamente 80 km, no sentido sudeste, até o Salto Huá no canal de Maturacá, caracterizando a linha geodésica denominada Cucuí-Huá. Do Salto Huá, segue por uma reta de aproximadamente 12 km, no sentido nordeste, até o Cerro Cupi, sendo esta linha geodésica chamada de Huá-Cupi. Do Cerro Cupi, segue pelo "divortium aquarum" entre a bacia do Amazonas e do Orinoco, passando pelo norte do pico da Neblina, ponto mais elevado do Brasil e pelas serras Imeri, Tapirapecó, Curupira, Urucuzeiro, Parima, Auari. Urutanin e Pacaraima, até o marco de trijunção das fronteiras Brasil - Venezuela - Guiana, no Monte Roraima, percorrendo neste trecho mais de 2000 km (SILVA, 2006, P. 32).

Assim tem-se a consolidação da fronteira Brasil-Venezuela que, por ser uma região que recebe povos de diferentes lugares, apresenta alguns conflitos que influenciam a vida dos que nela residem. Dentre os conflitos, Silva (2006) destaca garimpeiros *versus* indígena, conflitos relacionados à demarcação em área contínua na Terra Indígena Raposa-serra do Sol, conflitos entre vendedores clandestinos de gasolina e polícia local, entre outros.

De acordo com Cervo (2003), existem também, alguns convênios de cooperação entre Brasil e Venezuela que estabeleceram uma relação amistosa entre os dois países, dentre eles, tem-se o Plano de Integração Energética, no qual as Estatais de Energia EDELCA (empresa venezuelana) e ELETROBRAS (empresa brasileira) negociam contratos desde 1993 em convênios de cooperação com o fornecimento de energia venezuelana para o Brasil.

Outro convênio de cooperação fronteiriça deu-se com a possibilidade de vínculo rodoviário entre ambos os países, fator motivador de investimento empresarial e do comércio regional. A BR-174, que sai de Manaus (AM), liga o Brasil com a Venezuela e possibilita a escoação de mercadoria entre os países, além do acesso aos portos da região do Caribe (Cervo, 2003, p. 173).

Assim, Cervo (2003) evidencia que Brasil e Venezuela mantêm, nos últimos dois séculos, relações bilaterais que influenciam no desenvolvimento da região fronteiriça.

2.1.1 O Espaço Sócio–histórico da Fronteira Brasil–Venezuela: Pacaraima

A cidade de Pacaraima, lado brasileiro da fronteira Brasil-Venezuela, está localizada no extremo norte de Roraima, a 215 Km da capital Boa Vista, possui população atual de 10.433 habitantes, conforme o censo de 2010 (IBGE)¹. Sua origem se deu com a chegada do exército em 17 de outubro de 1995, quando foi desmembrada do município de Boa Vista e elevada à categoria de município, pela Lei Estadual nº 96, de 17/10/1995, estabelecida no BV-8, antigo marco Brasil-Venezuela nº 8.

Segundo Oliveira (2003, p. 266-267), Pacaraima possui área territorial de 12.098,5 km², dos quais, 66% (8.063,90 km²) estão na área indígena São Marcos. Nessa área, há um conjunto de fazendas, malocas, vilas agrícolas e a sede municipal. O crescimento urbano de Pacaraima está, dessa forma, imbricado à presença de indígenas.

Pacaraima possui 920m de altitude, caracterizando-se como o município mais alto do estado de Roraima e de toda a Região Norte do Brasil. O principal acesso é

¹ Fonte: http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_urb_rur.php?codigo=140045. Acessado em: 05 de fev de 2013.

pela rodovia BR-174, sendo esta a única via terrestre que liga o Brasil ao Caribe, que a partir do território venezuelano passa a chamar-se Carretera Panamericana. De acordo com Fernandes Neto (2005, p. 4817), essa via confere uma importância estratégica ao estado de Roraima no contexto da América do Sul e, especialmente, à área fronteiriça Brasil-Venezuela que funciona como um lugar de comunicação. Lugares por onde transitam, de um país para o outro, os migrantes, os trabalhadores informais.

Segundo Fernandes Neto (2005, p. 4819), o setor de comércio é o principal empregador do mercado formal de trabalho em Pacaraima, no entanto, é no mercado de trabalho informal que a maioria da população está empregada. Essa realidade envolve brasileiros e venezuelanos em diferentes ramos do comércio, além de taxistas de ambas as nacionalidades que transitam constantemente na fronteira. Na referida cidade, fala-se correntemente o português e o espanhol e o comércio aceita o Bolívar Forte (moeda venezuelana).

2.1.2 O Espaço Sócio-histórico da Fronteira Brasil-Venezuela: Santa Elena de Uairén

A cidade de Santa Elena de Uairén pertence ao estado de Bolívar e se encontra a 15 km da divisa com o Brasil. De acordo com o censo 2006 (IBGE)², sua população é de aproximadamente 29.795 habitantes, constituídos de venezuelanos, brasileiros, chineses, peruanos e outras nacionalidades, inclusive etnias indígenas. A economia é movida principalmente pelo comércio, destacando-se também a exploração de minérios e o setor turístico³.

A cidade foi fundada em 16 de setembro de 1923 pelo farmacêutico Lucas Fernández Peña, o qual foi morar na fronteira atraído pelo *boom* de diamantes na região. Em 1945, Santa Elena do Uairén, cujo nome foi atribuído em homenagem à Elena, filha do fundador, e ao nome do rio que corta a cidade (Uirén), foi elevada à categoria de município.

² Fonte: http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_urb_rur.php?codigo=140045. Acessado em: 05 de fev de 2013.

³ Fonte: <http://www.lagransabana.com/santaelena> acessado em 05 de fev. de 2013

Muitos brasileiros migraram para Santa Elena e ali estabeleceram residência. Segundo Rodrigues (2006), houve *boom* do movimento migratório nas décadas de oitenta e noventa devido ao declínio dos garimpos no Brasil e ao alargamento da participação de brasileiros em diversos ramos comerciais, tais como restaurantes, lojas de pneus, loja de confecções, casa de câmbios e outros.

Dessa forma, a autora aponta que a economia de Santa Elena é movida por atividades de garimpagens com polos localizados ao redor da referida cidade, pela presença significativa do comércio transfronteiriço entre as cidades de Santa Elena-Pacaraima- Boa Vista, além do turismo e dos empregos públicos.

2.2 ATIVIDADES COMERCIAIS COMO DESTAQUE NA FRONTEIRA BRASIL-VENEZUELA

As relações comerciais marcam notoriamente o cotidiano de sujeitos que habitam o entre-lugar Brasil-Venezuela. Segundo Silva (2012), a mobilidade em função do comércio aproxima as culturas, desfazendo a linha imaginária que divide os povos que ali convivem.

De acordo com Braz (2010), o garimpo tanto em terras brasileiras como em venezuelanas, principalmente na década de 1970 com a abertura da BR 174, impulsionou a economia e dinamizou a atividade comercial na fronteira Brasil-Venezuela, sendo justamente o comércio projetado para consumidores do país vizinho em virtude da valorização de sua moeda, o Bolívar, que possibilitou a fixação de brasileiros nessa região.

Braz (2010) expõe que as histórias de sucesso do comércio da fronteira Brasil-Venezuela passaram a atrair novas pessoas para a região, inclusive estrangeiros oriundos de países que fazem fronteira com o Brasil, como peruanos, paraguaios e uruguaios.

Nas cidades de Pacaraima e Santa Elena, há grande influência da mescla cultural entre os dois países. Do lado venezuelano, por exemplo, se encontram restaurantes de comida brasileira, nome de lojas em português, *hits* brasileiros sendo tocados nas danceterias, grande interesse pelas novelas brasileiras que são exibidas em português pela TV a cabo. Além de ser comum a presença de brasileiros trabalhando no comércio local.

Essa proximidade também influencia a língua falada nos dois países, o português e o espanhol são frequentemente usados na comunicação, principalmente em virtude da facilidade em atravessar a fronteira, ao ir-e-vir de pessoas que moram de um lado da linha (palavra usada entre os moradores locais para denominar a fronteira) e trabalham ou estudam do outro.

Conforme Rodrigues (2006), a fronteira é marcada pelo dia a dia de grupos étnicos e nacionais que realizam migrações diárias e transfronteiriças, estabelecendo redes sociais que se caracterizam pelas relações de comércio, trabalho, serviços públicos, de lazer, parentescos, vizinhança e de religiosidade, dando forma ao trânsito na fronteira.

Para a referida autora, as cidades de Pacaraima e Santa Elena de Uairén possuem características similares quanto ao perfil populacional, uma vez que ambas apresentam uma população flutuante representativa, tanto de nacionais como de estrangeiros, fluxo motivado, em grande parte, pelo comércio local.

Nesse mesmo sentido, Amorim (2010, p. 27) afirma que os municípios da fronteira Brasil/Venezuela são visivelmente condicionados pelos comerciantes que aí estabelecem seu ponto de trabalho. Ainda segundo a autora, a atividade comercial movimenta não só a economia, mas também o dinamismo linguístico e cultural da região.

Segundo Braz (2010), a quantidade de brasileiros vivendo e tirando seu sustento do comércio venezuelano é considerável, realidade que não é tão significativa quando se trata de venezuelanos trabalhando em Pacaraima, a autora alega que esse fato ocorre devido à valorização do Real frente ao Bolívar, o custo de vida em Santa Elena é baixo para os brasileiros, facilitando seu estabelecimento nesta cidade.

Não são apenas os comerciantes brasileiros que são atraídos pelas vantagens do comércio em Santa Elena. Segundo Figueredo (2013), em reportagem publicada no Jornal da Globo, de 27 de novembro de 2013, a população que vive em Roraima recorre ao comércio de Santa Elena em virtude dos baixos preços, principalmente nos supermercados. A reportagem afirma que aproximadamente cinquenta mil brasileiros cruzaram a fronteira no mês de outubro de 2013 em busca de melhores preços em Santa Elena e uma média de 90% dos clientes que lotam os estabelecimentos na fronteira com a Venezuela são brasileiros.

Esse aumento significativo de brasileiros em busca de produtos na fronteira se deu em virtude do desequilíbrio econômico enfrentado pela Venezuela e a consequente desestabilização do câmbio, intensificando a procura de produtos do outro lado da fronteira nesse período.

Diante de tudo que foi exposto, o cenário comercial da fronteira é marcado pela diversidade de povos, tanto os que nessa região estabeleceram moradia, quanto os que estão constantemente de passagem, num vaivém diário que sofre influência da cultura local. Passamos agora a compreender como essas influências afetam as práticas discursivas dos sujeitos da fronteira.

2.3 PRÁTICAS DISCURSIVAS COMO SOBREVIVÊNCIA NO EXÍLIO

O espaço linguístico especificamente analisado nesta dissertação constitui-se da cidade de Santa Elena de Uairén, na qual os migrantes brasileiros informantes da pesquisa estabeleceram moradia e atuam como atendentes de loja no comércio local. Assim, vivendo na fronteira Brasil-Venezuela, tais sujeitos encontram-se em contato diariamente com a variedade de espanhol falada na Venezuela.

Essa situação a que ficam submetidos esses sujeitos conduz ao que podemos caracterizar com Revuz (2006) de exílio linguístico, uma vez que a língua estrangeira não questiona apenas o estranho da língua do outro, mas também o relacionamento que o sujeito mantém com sua própria língua, a qual foi adquirida na infância a partir do desejo de outros, isto é, do ambiente familiar (p. 119). Isso é especialmente desafiador para os sujeitos pesquisados, cujo trabalho requer manejo necessário de ambas as línguas, o português e o espanhol, para o exercício de sua atividade profissional.

Alguns autores se dedicaram a realizar investigações na fronteira Brasil-Venezuela, dentre eles, menciono Amorim (2010), que aborda o fenômeno portunhol em comerciantes na fronteira sob uma perspectiva sociolinguística; Braz (2010), que retrata a representação de língua e nacionalidade no comércio turístico de Pacaraima e Silva (2012), que retrata a representação de *ethos* na fronteira.

Esses trabalhos têm em comum o fato de analisarem, de alguma forma, a linguagem de brasileiros que vivem nesse entre-lugar, sob diferentes pontos de vista, tocando no bojo da relação estabelecida com a língua do outro, o espanhol.

Amorim (2010, p. 19) destaca que em virtude do português e espanhol possuírem a mesma origem, o latim, muitos brasileiros que vivem na fronteira usam a língua espanhola por associação às semelhanças com o português, acreditando que não seja necessária uma instrução formal nesse idioma, que, para eles, constitui um “português mal falado”.

Considerando a colocação de Amorim (2010), essa estratégia seria uma forma de não se desvincular totalmente da língua materna, mesmo estando no país do outro. Porém, a profissão de comerciante coloca os brasileiros em algumas situações, onde o uso da língua espanhola é inevitável, principalmente quando estão a negociar com nativos, e precisam se fazer entender.

Morar e trabalhar em um país estrangeiro coloca o brasileiro não só em contato com a língua, mas também com a cultura e costumes do outro, visto que, segundo Cox e Assis-Peterson (2007), a língua está intrinsecamente relacionada à cultura de um povo, ela é parte da cultura, categorizando o mundo natural e cultural de certa comunidade.

Assim, esse sujeito encontra-se diante de alguns caminhos, e o que determinará o sucesso das relações estabelecidas com o outro serão os resultados das escolhas de como proceder a partir de então. Segundo Revuz (2006, p. 225), ele pode rejeitar aprender essa língua, pois a considera um perigo que afronta sua língua materna. Assim o sujeito irá estabelecer relações superficiais com a língua; ou abrir-se para a língua do outro, abrindo espaço também para outras significações, outros enunciados. Mas a autora destaca que essas relações não substituem uma língua pela outra, o *eu* da língua materna, jamais será o *eu* da língua estrangeira.

Portanto, considerando que as práticas discursivas dos sujeitos enunciadore demonstram a forma como esses sujeitos se relacionam com a língua do outro e que essa relação é crucial para o sucesso do sujeito fronteiriço, é que a análise de tais práticas torna-se relevante e constitui o objeto deste estudo. Isso poderá ser melhor compreendido no capítulo 4 que traz a análise dos enunciados dos migrantes brasileiros atendentes de loja em Santa Elena.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, exponho os procedimentos metodológicos empregados para a construção do conjunto de dados que serviram de base à análise empreendida. Dessa forma, em (3.1) abordo o espaço pesquisado; na sequência, em (3.2) apresento uma breve caracterização dos sujeitos da pesquisa; na seção (3.3) trato dos procedimentos efetivados na construção do corpus; e, finalmente, em (3.4), abordo os procedimentos de análise.

3.1 ESPAÇO PESQUISADO

O espaço aqui investigado constitui-se da fronteira Brasil-Venezuela (conforme figura 1), mais especificamente, da cidade de Santa Elena, cuja contextualização sócio-histórica foi fornecida no capítulo II. Trata-se de uma região de fronteira caracterizada pelo hibridismo cultural, um entre-lugar, um além de Bhabha (1998).

Figura 1: Mapa da fronteira Brasil – Venezuela



Fonte: Adaptado de: <http://www.ub.edu/geocrit/-xcol/222.htm> acessado em 03 de fev. de 2013.

Uma das principais características dessa região é a relação comercial estabelecida entre as duas cidades fronteiriças, Pacaraima e Santa Elena. O comércio movimenta grande parte da economia local, além de proporcionar interações linguísticas, culturais e sociais. Essa situação faz com que o domínio das línguas ali faladas, o português e o espanhol, seja um requisito necessário aos migrantes brasileiros residentes em Santa Elena que trabalham como atendentes de lojas no comércio, os quais, enquanto agentes das relações comerciais, necessitam se comunicar bem na língua do outro para que sejam bem sucedidos em suas atividades profissionais.

Dessa forma, acredita-se que esse espaço múltiplo é o local ideal para a realização da pesquisa, uma vez que o migrante brasileiro inserido na cultura do outro (venezuelano) se constrói a partir desse conjunto de experiências vivenciadas, o que pode refletir na construção de seu *ethos* discursivo.

3.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA

A composição dos dados para análise se estruturou da seguinte forma: entrevistas com cinco migrantes brasileiros atendentes de loja no comércio em Santa Elena, tendo entre 18 e 50 anos de idade. Optei por informantes que trabalhassem no mesmo ramo comercial: atendentes em lojas de produtos diversos, considerando que, como mencionado anteriormente, o comércio constitui a atividade econômica mais relevante do espaço e, como consequência, que mais propicia a interação linguística. Busquei informantes com perfis diferentes entre si, dentre eles selecionei sujeitos que já morassem há mais de vinte anos, e outros que tivessem menos tempo; selecionei informantes que já moraram na fronteira do lado de Pacaraima e que agora moram em Santa Elena; outro que morou quando pequeno em Santa Elena, passou a adolescência no Brasil e voltou a viver em Santa Elena; e, também, sujeitos que se estabeleceram em Santa Elena e nunca mais voltaram a morar no Brasil.

Essas diferenças entre informantes que possuem a mesma profissão foram pensadas com o intuito de observar possíveis diferenças de *ethos* a serem evidenciados nas práticas discursivas dos colaboradores da pesquisa.

A seguir, forneço os perfis resumidos dos entrevistados, cujos nomes não serão revelados, sendo denominados migrantes brasileiros atendentes de lojas, cuja sigla (MBAL) é acrescida do número sequencial da entrevista (MBAL 1, MBAL 2, etc.).

- **MBAL 1**

MBAL1 é do sexo feminino, tem 18 anos de idade, nasceu em Boa Vista-RR, filha de pais brasileiros. Morou em Santa Elena dos seis aos 12 anos de idade com sua mãe e o padrasto venezuelano, aos 12 anos retornou a Boa Vista para estudar e com 16 anos voltou para Santa Elena, onde morava no momento da entrevista. Trabalha como atendente em uma loja de roupas íntimas, possui o ensino médio completo.

- **MBAL 2**

MBAL2 é do sexo masculino, tem 21 anos de idade, nasceu em Belém do Pará, filho de pais brasileiros, mas possui padrasto peruano. MBAL2 sempre trabalhou com comércio juntamente com o padrasto, morou muito tempo em Pacaraima trabalhando na loja da família, também trabalhou no comércio de Boa Vista e no momento da entrevista trabalhava em uma loja de importados, de propriedade da família, em Santa Elena.

- **MBAL 3**

MBAL3 é do sexo feminino, tem 41 anos de idade. Nasceu em Fortaleza-CE e vive em Santa Elena há quase 25 anos. É casada com venezuelano. Suas duas filhas foram criadas em Santa Elena, apenas nasceram no Brasil, a filha mais velha fala o português fluentemente, outra filha de 9 anos de idade possui o espanhol como língua materna e não fala português. Trabalha como atendente em uma loja de confecções e sua escolaridade é o ensino médio incompleto.

- **MBAL 4**

MBAL4 é do sexo feminino, tem 32 anos de idade, nasceu em Parintins-AM e possui ensino médio completo. Era comerciante no Brasil, no entanto o negócio começou a declinar e ela e o marido (de nacionalidade equatoriana) resolveram montar uma loja em Santa Elena. Ela é atendente na loja de confecções que abriu com o marido há dois anos e meio, e não possui parentes venezuelanos.

- **MBAL 5**

É do sexo feminino, tem 48 anos de idade, natural de Manaus-AM. Tem o ensino médio completo. Vive em Santa Elena há 20 anos e trabalha com o comércio há 19 anos. Foi morar em Santa Elena para cuidar de um tio doente, se identificou com a região e decidiu estabelecer moradia nessa cidade. No momento da entrevista, trabalhava em uma loja de produtos naturais.

Abaixo, segue um quadro que apresenta, de forma resumida, o perfil dos sujeitos da pesquisa.

QUADRO1: Perfil dos informantes

INFORMANTE	SEXO	NATURALIDADE	IDADE	TEMPO QUE TRABALHA NO COMÉRCIO
MBAL 1	Feminino	Boa Vista-RR	18 anos	2 anos
MBAL 2	Masculino	Belém-PA	21 anos	5 anos
MBAL 3	Feminino	Fortaleza-CE	41 anos	25 anos
MBAL4	Feminino	Parintins-AM	32 anos	2 anos e meio
MBAL5	Feminino	Manaus-AM	48 anos	19 anos

3.3 A CONSTRUÇÃO DO CORPUS

Os dados que compõem esse estudo foram obtidos a partir de cinco entrevistas gravadas *in locus* e uso do diário de bordo. O roteiro das entrevistas foi construído utilizando-se três temas gerais: identidade e diferença, identidade profissional e identidade linguística. (anexo D).

Os temas abordados no roteiro de entrevista foram pensados, buscando contemplar aspectos da realidade dos sujeitos, os quais habitam um espaço de fronteira, razão por que do tema identidade e diferença; exercem uma específica atividade profissional, trabalham como atendentes de loja, razão para o tema identidade profissional; e, finalmente, necessitam empregar adequadamente a língua do outro, para obter sucesso em suas atividades profissionais, motivo do tema identidade linguística.

Como se vê, optou-se por temáticas mais abrangentes que permitissem ao sujeito pesquisado certa liberdade na enunciação de suas práticas discursivas e, conseqüentemente, de seu *ethos*.

3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

De posse das entrevistas gravadas, elas foram transcritas a partir de uma adaptação das transcrições de conversões de Marcuschi (1986, p. 9-13) (anexo E), e submetidas a uma análise qualitativa, na qual, a partir das práticas discursivas dos sujeitos entrevistados, busquei evidenciar o *ethos* discursivo do migrante brasileiro atendente de loja em Santa Elena.

A pesquisa qualitativa, segundo Chizzotti (2003, p. 221), engloba um campo transdisciplinar que envolve conhecimentos das ciências humanas e sociais para estudar determinado fenômeno, buscando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que os indivíduos dão a eles.

Conforme Triviños (2012, p. 133), a pesquisa qualitativa permite ao pesquisador ampla liberdade teórico-metodológica para realizar seus estudos, desde que siga as condições de exigência de um trabalho científico.

Com base nessa liberdade teórico-metodológica, Chizzotti (2008, p. 84) defende que os pesquisados são reconhecidos como sujeitos capazes de intervir

nos problemas que identificam; os dados não são coletados em instantes de observação, mas são revelados em um contexto de relações que necessita ultrapassar as aparências imediatas, de forma que:

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

A pesquisa aqui empreendida caracteriza-se, também, como um estudo de caso, o qual, segundo Gonsalves (2007), envolve a seleção de uma comunidade específica para a investigação de um fenômeno particular, nesse trabalho, o *ethos* do migrante brasileiro atendente de loja em Santa Elena do Uairén.

Assim, seguindo tais procedimentos metodológicos, as práticas discursivas dos cinco sujeitos de pesquisa entrevistados foram analisadas como segue descrito no próximo capítulo.

4 ANÁLISE

Este capítulo tem como propósito a apresentação das análises dos dados elaboradas sempre à luz de reflexões embasadas no suporte teórico, o que implica somente a análise daqueles enunciados relevantes para o propósito da pesquisa, isto é, a descrição dos *ethes* que emergem a partir do dito e do não dito dos dados descritos, e não a exaustividade das sequências discursivas (ORLANDI, 2001, p. 62). Também, em consequência dessa posição assumida:

Nesta perspectiva, não se trata de examinar um corpus como se tivesse sido produzido por um determinado sujeito, mas considerar sua enunciação como o correlato de uma certa posição sócio-histórica na qual os enunciadores se revelam substituíveis (...) (MAINGUENEAU, 1989, p. 14).

Os indivíduos possuem determinados comportamentos em situação de exílio linguístico. Segundo Revuz (2006, p. 225), para alguns, aprender uma língua estrangeira constitui um perigo que eles buscam evitar, evitando assim a língua do outro; já outros sujeitos desenvolvem a estratégia da peneira: eles aprendem, mas não retêm quase nada ou pouquíssimo; há outros indivíduos ainda que desenvolvem a estratégia papagaio: sabem de memória frases feitas (vocabulários específicos), mas não possuem autonomia na expressão ou compreensão; finalmente, há aprendizes que se envolvem e se familiarizam tanto com a língua do outro que passam a viver essa língua.

Considerando essas possibilidades de relação do indivíduo com a língua do outro fornecidas por Revuz, a partir das análises estabelecidas dos enunciados dos migrantes brasileiros atendentes de loja em Santa Elena, foram evidenciados três tipos de *ethos*, assim denominados: *ethos da evitação*, *ethos da aceitação* e *ethos da oscilação*, que passo a descrever nas subseções abaixo.

4.1 ETHOS DA EVITAÇÃO

Como se pode depreender do exposto por Revuz (2006, p. 225), não é todo sujeito que, inserido na cultura do outro, está pronto para conviver com a língua da comunidade de acolhida. Tal convívio representa para alguns aprendizes um perigo

que eles evitam (loc. cit.). Diante dessa constatação, a seção aqui apresentada dedica-se à análise das sequências discursivas que demonstram o *ethos* da evitação, entendido como o *ethos* que evidencia o receio que alguns falantes têm de romper os laços que mantêm com sua língua materna em situação de exílio linguístico.

Para iniciar a análise, foram extraídos dois excertos da fala de MBAL1 referente às perguntas: “Você gosta de falar a língua do venezuelano?” e “Já se sente integrada ao modo de vida de Santa Elena?”

Respectivas respostas de MBAL1

Excerto 1:

Gosto não ((foi bem rápida e objetiva ao responder, com tom de seriedade na voz)). Eu não gosto de falar essa língua, mas eu preciso falar pra poder trabalhar, trabalho no comércio / mas eu não gosto, tanto que quando eu morava em Boa Vista não gostava de falar o espanhol, não falava, mesmo sabendo (...) eu não tenho motivo pra não gostar de falar a língua do venezuelano, mas eu tenho a MINHA língua e gosto mais dela porque é MINHA.

Excerto 2:

Acho que sim / porque eu moro aqui, trabalho aqui, tem que se acostumar né? (...) Mas eu ainda não me sinto integrada à cultura do venezuelano ((risos e expressão de resistência no rosto, também balançou a cabeça negativamente ao pronunciar essa frase)) tipo as músicas, a comida, assim eu gosto de alguma comida, mas eu prefiro a comida do Brasil, essas coisas (...) tem muito brasileiro aqui e eles influenciam os venezuelanos, acho que a maioria dos venezuelanos já aderiu à cultura brasileira, os venezuelanos já querem ser brasileiros ((risos)) / porque, por exemplo, oh no modo de vestir, roupa, tem muitos venezuelanos aí que só quer roupa brasileira...

No excerto 1, observe-se que MBAL1 iniciou sua fala negando gostar da língua do venezuelano: Gosto não. Esse enunciado foi enfatizado pela maneira como foi dito: a rapidez na resposta e o tom de seriedade. Segundo Maingueneau (2011, p.17-18), a noção de *ethos* mantém um laço crucial com a reflexibilidade

enunciativa. Dessa forma, entende-se que o *ethos* recobre não só a dimensão verbal, como também o caráter (traços psicológicos) e a corporalidade (compleição física) do fiador.

Nesse sentido, MBAL1, entendida aqui não como locutora extradiscursiva, mas como fiadora construída a partir dos índices liberados na enunciação, deu indícios do *ethos* da evitação ao negar o gosto em falar a língua do outro, o que é corroborado pelo tom atribuído, tom este que legitima o que está sendo dito.

O *ethos* de evitação é também mostrado na sequência discursiva: *mas eu não gosto, tanto que quando eu morava em Boa Vista não gostava de falar o espanhol, não falava, mesmo sabendo*. Nessa afirmação MBAL1 alega não utilizar a língua do venezuelano quando estava no Brasil, mesmo sendo solicitada para fazê-lo, mostrando, por meio do discurso e de forma direta, a rejeição quanto à língua do outro.

O fato de MBL1 não falar a língua do outro quando estava no Brasil marca uma relação de apego à língua materna, uma forma de garantir que ela seja dominante em suas relações comunicativas. Os trechos: *não falava, mesmo sabendo* e *eu tenho a MINHA língua e gosto mais dela porque é MINHA* evidenciam (tanto no que está sendo dito, como na ênfase dada à palavra MINHA) a imagem de uma enunciativa fortemente apegada à sua língua materna, demonstrando, em conformidade com o que postula Revuz (2006, p. 215), que “(...) o encontro com a língua estrangeira faz vir à consciência alguma coisa do laço muito específico que mantemos com nossa língua”.

Nos trechos selecionados é possível perceber que o *ethos* de evitação está refletido também no distanciamento da cultura do outro, MBAL1 distancia-se dos traços que marcam os costumes venezuelanos. Note o seguinte trecho do excerto 2: *Eu ainda não me sinto integrada à cultura do venezuelano* em que esse distanciamento foi ilustrado mais precisamente por “*música*” e “*comida*”, dois traços culturais geralmente estereotipados na cultura Venezuela. Ao usar esses exemplos, a enunciativa ressalta a preferência pela culinária de seu país de origem em: *eu gosto de alguma comida, mas eu prefiro a comida do Brasil*. Nesse enunciado, o próprio emprego do indefinido “alguma” sugere um certo distanciamento da culinária da comunidade acolhida.

Diante dos discursos produzidos por MBAL1, é possível estabelecer uma relação entre o *ethos* evidenciado e a construção identitária assumida pela informante. Silva (2000, p. 81) alega que a identidade é marcada pela diferença entre o “nós” e o “eles”, diferença essa claramente estabelecida por MBAL1 ao alegar, por exemplo: *eu prefiro a comida do Brasil, não me sinto integrada a cultura do venezuelano e ...os venezuelanos já querem ser brasileiros ((risos)) (...) no modo de vestir...*

As diferenças estabelecidas entre as marcas identitárias brasileira e venezuelana apontadas por MBAL1 são empregadas de forma a trazer o outro para sua cultura, a forma com que MBAL1 percebe o outro perpassa por uma relação de força, na qual a evitação do outro, tanto no aspecto linguístico como no cultural, recai em uma maior aproximação aos seus (brasileiros), transparecendo a imagem de valorização dos brasileiros em relação aos venezuelanos, o que é constatado em: *a maioria dos venezuelanos já aderiu à cultura brasileira e os venezuelanos já querem ser brasileiros ((risos))*.

Observe também que os enunciados destacados no parágrafo anterior não estão empregados no sentido habitual do termo, de forma que, quando a enunciante afirma: *a maioria dos venezuelanos já aderiu à cultura brasileira e os venezuelanos já querem ser brasileiros ((risos))*, está na verdade, fazendo uso do que Maingueneau (2002, p.175) caracteriza como subversão de sua própria enunciação, ou seja, a ironia. MBAL1 está, por meio de seu dizer, subvertendo o sentido do dito com o intuito de valorizar os brasileiros e distanciar ainda mais a voz do outro (venezuelano), distanciamento esse que é marcado também pelo riso ao final de seu enunciado.

A evitação da língua da comunidade de acolhida possui uma estreita relação com o distanciamento da cultura do outro, uma vez que, segundo Revuz (2006, p. 227), falar uma segunda língua é tornar-se um pouco o outro. A dificuldade de MBAL1 em aproximar-se da cultura dos venezuelanos é observada como indício desse distanciamento da língua desse povo, já que, em conformidade com Revuz (2006), quanto mais um sujeito se apropria da cultura de outro, mais estreita é sua relação com língua que a faz viver o que caracteriza para a autora o verdadeiro bilinguismo .

Diante disso, retomo Revuz (2006, p. 225) ao expor que, em situações de exílio linguístico, o falante, para não desprender-se de sua língua materna, evita apropriar-se da língua do outro. Situação percebida na análise em questão. O *ethos* evidenciado no discurso dessa informante é um reflexo de questões identitárias muito mais profundas que se encontram no limiar entre duas culturas, onde permitir-se na língua do outro pode representar um exílio irreversível de sua língua materna e, conseqüentemente, de suas marcas identitárias.

No entanto, toda essa questão é velada por uma necessidade maior de subsistência, apesar do *ethos* da evitação ser percebido na enunciação, MBAL1 submete-se a continuar no país do outro em virtude de sua condição de comerciante, profissão que lhe garante o sustento, como se pode observar em: Eu não gosto de falar essa língua, mas eu preciso falar pra poder trabalhar, trabalho no comércio e porque eu moro aqui, trabalho aqui, tem que se acostumar, né?

O enunciado acima também revela o compromisso apenas instrumental com o uso da língua do outro. A sequência tem que se acostumar, né? com o modal de obrigatoriedade, provavelmente, não seria empregado se MBL1 estivesse falando, por exemplo, com um cliente venezuelano falante da variedade do espanhol usada pela comunidade de acolhida. Porém, como o co-enunciador não fazia parte desse público específico, MBAL1 construiu através de seu discurso uma relação de distanciamento com a língua do outro, mostrando que esta é usada apenas com um fim especificamente instrumental.

Ainda considerando o *ethos* da evitação, têm-se dois novos excertos retirados da fala de MBAL2 ao se pronunciar sobre as perguntas: “Como se sente morando aqui em Santa Elena?” e “Em que situações emprega o espanhol?”

Respectivas respostas de MBAL2

Excerto 3:

(...) pra ser sincero venezuelano é um tipo de pessoa que... bem estressado, ele né que nem o brasileiro não, que a gente chega, conversa, venezuelano é um pouco mais estressado (..) No dia a dia, pra ser sincero, eu não falo muito com venezuelano não, é mais com brasileiro aqui, só falo com venezuelano o necessário, mesmo porque eu não me dou MUITO BEM COM ELES NÃO.

Excerto 4:

Falo espanhol quando atendo venezuelano, quando vou, por exemplo, na padaria ou quando vou em lugar assim (...) quando vem venezuelano aqui na loja tenho que falar espanhol, mas aqui praticamente usa mais o português do que o espanhol (...) A gente já identifica que é brasileiro, até no olhar a gente já identifica que é brasileiro ((risos)) (...) também dá pra identificar que são brasileiros pela bermuda, venezuelano aqui não anda de bermuda, às vezes a venezuelana anda com short né, mas não é como o brasileiro (...) em casa o idioma predominante é o português mesmo, porque em casa só meu padrasto que é estrangeiro ((de nacionalidade peruana)), aí ele tem que falar o português com a gente, ele fala o português, às vezes quando ele tá conversando com venezuelano ou peruano no telefone, ele tá falando espanhol e depois que ele acaba a ligação a gente vai perguntar alguma coisa pra ele e ele segue falando espanhol aí eu digo: Irmão, FALA PORTUGUÊS pai... ((risos)) porque lá todo mundo entende o espanhol, mas falamos o português (...) com os amigos também é o português / a maioria dos meus amigos são brasileiros, não tenho muita amizade com os venezuelanos daqui não, prefiro os brasileiros que são como eu, nos gostos, essas coisas.

Segundo Maingueneau (1989, 2002, 2011), a noção de *ethos* envolve não apenas o dito, mas também um *tom* que está necessariamente associado a um *caráter* (conjunto de traços que o co-enunciador atribui espontaneamente ao enunciador em função do seu modo de dizer) e uma *corporalidade* (representação do corpo do enunciador da formação discursiva) que emergem na cenografia do discurso transpassados pelos estereótipos que circulam socialmente como categorias que influenciam na formação da imagem do enunciador. Diante disso, o *ethos* é abordado como sendo uma voz e um corpo, relacionados, inevitavelmente, à cena da enunciação.

Nos excertos 3 e 4 acima destacados, a construção de uma cena válida que envolve a cena englobante, caracterizada aqui como o discurso de um migrante, situado no espaço-tempo de uma região de fronteira; a cena genérica é a entrevista, pela qual o enunciador expressa suas concepções acerca da língua do outro; e a cenografia que envolve marcas de um enunciador jovem: Irmão, FALA PORTUGUÊS, pai, em que expressa livremente sua opinião acerca do venezuelano.

Conforme Maingueneau (2002, p. 98), o *tom* “(...) dá autoridade ao que é dito”, permitindo ao co-enunciador “(...) construir uma representação do corpo do enunciador (e não, evidentemente, do corpo do autor efetivo)”, fazendo “(...) emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de **fiador** do que é dito”.

Nesses excertos em análise, esse tom é sinalizado pela ênfase e certa leve ironia (nos risos) com que MBAL2 tece toda a representação que faz do venezuelano, mas, sobretudo, se a análise se restringe ao fragmento: *Irmão, FALA PORTUGUÊS, pai... ((risos))*, em que temos: como cena englobante, o discurso doméstico ou entre familiares migrantes da fronteira; como cena genérica, o discurso oral informal acerca da língua do outro; e, como cenografia, a interlocução entre pai e filho sobre a língua a ser empregada no contexto doméstico, em que o modo imperativo empregado enfaticamente revela um fiador avesso ao uso da língua do outro, embora finalizado com risos que amenizam a forma autoritária como foi dito, visto que na relação de poder entre pai e filho, há uma hierarquia que organiza a maneira de dizer.

Marcas linguísticas também corroboram essa representação do fiador, tais como a dupla negação: *não tenho muita amizade com os venezuelanos daqui não*, a escolha do léxico, como se observa na acentuação do adjetivo no fragmento: *venezuelano é um tipo de pessoa que... bem estressado*, além do próprio uso da forma verbal do imperativo aludido acima.

A rigor, MBAL2 se ancora em estereótipos sociais para tecer um quadro comparativo de imagens construídas de brasileiros e venezuelanos sempre favoráveis àqueles, como se pode observar nos fragmentos: *pra ser sincero venezuelano é um tipo de pessoa que... bem estressado, ele né que nem o brasileiro não, que a gente chega, conversa, venezuelano é um pouco mais estressado, A gente já identifica que é brasileiro, até no olhar a gente já identifica que é brasileiro ((risos)) (...) também dá pra identificar que são brasileiros pela bermuda, venezuelano aqui não anda de bermuda, às vezes a venezuelana anda com short né, mas não é como o brasileiro e prefiro os brasileiros que são como eu, nos gostos, essas coisas*.

Nesses fragmentos, fica evidente a preferência pela imagem construída de brasileiros em expressões como: *a gente chega, conversa* e *prefiro os brasileiros que são como eu*, em que o inclusivo e o pronome em primeira pessoa do singular,

respectivamente, são empregados como forma de explicitar a identificação do enunciador, confirmando, enquanto fiador, seu caráter e corporalidade em sintonia com um conjunto de representações sociais valorizadas para brasileiros e desvalorizadas para a comunidade de acolhida.

Sabe-se com Maingueneau (2011, p. 19) que o o *ethos* efetivo resulta da interação entre o *ethos* pré-discursivo e o *ethos* discursivo (*ethos* dito e *ethos* mostrado), tudo isso perpassado por estereótipos sociais ligados ao mundo ético (MAINGUENEAU, 2011, p. 19). Diante desse contexto, o *ethos* da evitação evidenciado por MBAL2 é resultado, além do *ethos* discursivo (dito e mostrado), sinalizado pelo tom e pelas escolhas linguísticas acima explicitadas, também pela interação desse *ethos* discursivo com o *ethos* pré-discursivo, configurado aqui como a imagens que o co-enunciador faz do migrante brasileiro que trabalhe no comércio em Santa Elena, com implicações como: se trabalha no comércio usa o espanhol, é comunicativo, etc, e também imagens que o co-enunciador faz do venezuelano, com implicações como: pessoa estressada; imagens essas que são confirmadas pela enunciação de MBAL2.

Diante de tudo que foi analisado até aqui, fica evidente que o *ethos* discursivo da evitação observado nos enunciados de MBAL2 foi revelado principalmente a partir das marcações estereotipadas entre brasileiros e venezuelanos que distanciam a relação com a **língua** do outro à medida que o sujeito em questão se distancia da cultura da comunidade de acolhida. Esse distanciamento cultural provoca uma evitação da língua, sendo esta usada apenas em ocasiões muito específicas, nas quais MBAL2 estabelece, a partir de seu enunciado, uma relação de obrigação.

Observe-se o trecho retirado do excerto 4: quando vem venezuelano aqui na loja tenho que falar espanhol. Nessa fala encontra-se também a modulação de obrigatoriedade em “tenho que falar”, já observada na fala de MBAL1 ao evidenciar o *ethos* da evitação. Note-se que o uso da língua espanhola tanto por MBAL1 como por MBAL2 ocorre em situações controladas, nas quais há um sentimento de obrigatoriedade.

Passando para outra situação de enunciação, MBAL2 afirma usar o português: em casa o idioma predominante é o português mesmo, porque em casa só meu padrasto que é estrangeiro, aí ele tem que falar o português com a gente,

ele fala o português (...). No contexto familiar, onde é possível escolher o idioma, há um predomínio do português, uma vez que não há aqui o peso da obrigação notado anteriormente em “**tenho que** falar espanhol”. Pelo contrário, quem necessita adequar-se a esse contexto é o padraço de MBAL2, que por ser peruano se vê obrigado a falar em português: aí ele **tem** que falar o português com a gente.

Assim, as enunciações aqui analisadas revelaram que a evitação da língua do outro, expressa por meio do *ethos* da evitação, tem uma intrínseca relação com o distanciamento da cultura da comunidade de acolhida. Quanto mais MBAL2 se distancia dos elementos da cultura do outro, mais evita o emprego de sua língua e busca o abrigo da língua materna na situação de exílio linguístico.

Passo agora à descrição do segundo tipo de *ethos* observado nas enunciações dos migrantes brasileiros atendentes de loja em Santa Elena.

4.2 ETHOS DA ACEITAÇÃO

Embasando-me em Revuz (2006) em relação ao comportamento de um estrangeiro frente à língua do outro, destaco:

Aprender uma língua estrangeira é avançar, mesmo que modestamente, em relação aos discursos sociais e familiares que nos perseguem, nos constroem e nos coagem, é afrontar um espaço silencioso no qual é preciso se inventar para dizer eu, então, aprender uma outra língua é fazer a experiência de seu próprio estranhamento no mesmo momento em que nos familiarizamos com o estranho da língua e da comunidade que a faz viver (REVUZ, 2006, p. 229)

O *ethos* a ser explicitado nessa seção de análise é o *ethos* da aceitação, o qual é compreendido como aquele que evidencia a familiarização e aceitação, por parte de um estrangeiro, da língua do outro.

Para a análise do *ethos* proposto, inicio com um recorte da fala de MBAL3 em resposta à pergunta: “Já se sente integrada ao modo de vida de Santa Elena?”

Resposta:

Excerto 5:

“Já, 100%. Já me sinto mais venezuelana ((risos)) / me sinto acostumada com os costumes daqui, com o modo de se vestir, com a comida, tudo isso depois de 20 anos a gente vai se acostumando, né?, vai aprendendo a gostar da arepa ((risos)) / logo no começo o brasileiro não come arepa, Deus me livre, tem horror, passam fome besta, pois é...”

Em seu discurso, MBAL3 aponta identificação com o modo de vida venezuelano. Para demonstrar que está integrada ao modo de vida local, atribui um percentual de 100%, observe o trecho: Já, 100%. Já me sinto mais venezuelana, acompanhado de uma sutil comparação entre as nacionalidades brasileira e venezuelana, ao enfatizar: Já me sinto **mais** venezuelana, na qual a nacionalidade do outro prevalece em relação a sua própria.

Na sequência, MBAL3 demonstra em que aspectos sua identificação com a cultura do outro prevalece: me sinto acostumada com os costumes daqui, com o modo de se vestir, com a comida, tudo isso depois de 20 anos a gente vai se acostumando né. MBAL3 utiliza a escolha lexical: “costumes”, “modo de vestir” e “comida” para exemplificar sua adesão à cultura do outro, no entanto, deixa claro que esse foi um longo processo, no qual o tempo de permanência no local teve influência direta: tudo isso depois de 20 anos a gente vai se acostumando, né?

Diante do exposto, é possível perceber que, por meio da enunciação, a fiadora nos convida a participar das experiências por ela vivenciadas. Quando MBAL3 enuncia: vai aprendendo a gostar da arepa ((risos)) / logo no começo o brasileiro não come arepa, Deus me livre, tem horror, passam fome besta, pois é.... apresenta nesse trecho, por meio de um exemplo gastronômico, um contraponto entre a assimilação que realizou da cultura do venezuelano e a dificuldade em passar por esse processo, afirmando o *ethos* da aceitação ao se pronunciar sobre a integração ao modo de vida venezuelano: Já, 100%. Já me sinto mais venezuelan”.

Ainda utilizando o discurso de MBAL3, trago outro excerto enunciado a partir do seguinte questionamento: “Qual foi o fator decisivo que fez você deixar o Brasil e vir morar em Santa Elena?”

Resposta

Excerto 6:

(...) até que eu vim chegar aqui, foi assim uma luta sabe, não conseguia nada, tive que trabalhar em casa de família / *Bueno*, eu lutei muito, passei muita necessidade, muita coisa dura /.../ e...cheguei aqui, *bueno* / comecei a trabalhar, vi que aqui eu trabalhando dava pra mim ir me superando e fui me superando, *bueno* até que hoje eu acho que eu não fiquei tão ruim porque eu tenho meu negocinho, tenho minha casa própria, entende? Então no Brasil quando que você consegue fazer isso sem ajuda? muito difícil. Se você não tiver uma *palanca*, como se chama lá no Brasil... um padrinho, uma coisa assim que lhe consegue um emprego, uma coisa, não sei nem como é que você se supera não / agora que tá melhor a situação, eu perdi meu contato com o Brasil por completo, agora que eu meio que vejo televisão e essas coisas, mas eu não tenho muito contato mais com o Brasil (...)

No excerto selecionado, a enunciação de MBAL3 busca mostrar uma imagem de mulher que passou por muita dificuldade e ao final se estabeleceu no país do outro. A forma como está sendo dito já traz indícios da aceitação gradativa da língua e da cultura da comunidade acolhida. Observe em: hoje eu acho que eu não fiquei tão ruim, e vi que aqui eu trabalhando dava pra mim ir me superando e fui me superando. Esses enunciados revelam que MBAL3 se inseriu no espaço do outro e foi aceitando essa nova realidade.

O uso do verbo superar no gerúndio marca uma continuação linear do processo pelo qual MBAL3 passou, remetendo à ideia de avanço progressivo. MBAL3 utiliza esse mesmo verbo em outros momentos de sua enunciação, atribuindo a ele outros significados que definem a relação de êxito na Venezuela ao passo que não teria os mesmos resultados no Brasil: lá no Brasil...um padrinho, uma coisa assim que lhe consegue um emprego, uma coisa, não sei nem como é que você se **supera** não. Essa enunciação já traz sutilmente a estrita relação que MBAL3 possui com a comunidade acolhida.

Dando sequência a análise empreendida, observe um trecho do excerto 06:

até que eu vim chegar aqui, foi assim uma luta sabe, não conseguia nada, tive que trabalhar em casa de família / Bueno, eu lutei muito, passei muita necessidade, muita coisa dura /.../ e...cheguei aqui, bueno / comecei a trabalhar, vi que aqui eu

trabalhando dava pra mim ir me superando e fui me superando, bueno até que hoje eu acho que eu não fiquei tão ruim porque eu tenho meu negocinho, tenho minha casa própria, entende?

Nessa sequência, MBAL3 conta, resumidamente, as dificuldades que enfrentou até se estabelecer em Santa Elena. A partir do enunciado, oferece elementos que lhe conferem um *ethos* vinculado a uma imagem que solicita a adesão do co-enunciador ao discurso. Essa solicitação é feita pelos apelos de seu enunciado ao evidenciar a imagem de mulher sofrida que se firmou no país do outro.

O *ethos* da aceitação da língua do outro também é mostrado por meio de situações linguísticas específicas que demonstram um alto nível de domínio do espanhol e um conseqüente distanciamento da língua materna. Essa situação é observada nas interferências da língua espanhola na língua portuguesa, durante vários momentos de sua enunciação, MBAL3 usou palavras em espanhol, como *bueno*, observe em: cheguei aqui, **bueno** / comecei a trabalhar, vi que aqui eu trabalhando dava pra mim ir me superando e fui me superando, **bueno**, até que hoje...

Ao enunciar, MBAL3 demonstra ter melhor domínio da língua do outro, note em: Se você não tiver uma palanca, como se chama lá no Brasil...um padrinho, uma coisa assim... Ao usar o termo em espanhol *palanca*, mostrou-se apropriar-se dessa língua, aceitar não só as construções gramaticais, mas aproximar-se da cultura do outro.

A enunciação de MBAL3 é um exemplo evidente do que postula Revuz (2006, p. 229), para a qual, o aprendizado de uma língua estrangeira só é completo quando o sujeito se torna um pouco o outro. A enunciante aqui analisada demonstra ser um pouco esse outro ao evidenciar uma intensa aceitação tanto da língua quanto da cultura do venezuelano.

Conforme a autora (loc. cit), fazemos a experiência de nosso próprio estranhamento ao nos familiarizarmos com a língua do outro em uma situação de exílio linguístico. MBAL3 demonstrou estar vivenciando essa experiência, já que as relações que mantém com sua língua materna estão modificadas em virtude da convivência com a língua do outro.

O exílio de sua língua materna é reforçado pela falta de contato com o Brasil. Ao enunciar, MBAL3 não demonstrou buscar elementos que a aproximassem de sua cultura. Pelo contrário, para manter-se inscrita na língua e cultura do outro distancia-se dos elementos de seu país de origem, como se pode observar no fragmento: “eu perdi meu contato com o Brasil por completo, agora que eu meio que vejo televisão e essas coisas, mas eu não tenho muito contato mais com o Brasil (...)”.

Mais evidências do *ethos* de aceitação da língua do outro podem ser observadas no recorte do discurso MBAL3, em que se enuncia ao ser questionada sobre: “Quais as principais diferenças entre sua língua materna e o espanhol falado na Venezuela?”

Excerto 7:

(...) depois de tanto tempo acho que agora eu tenho mais facilidade com o espanhol, já estou perdendo um pouco o português / sim porque pra mim falar o português eu já tenho que pensar, tipo assim, pra traduzir pro português pra eu poder falar porque eu já tô pensando em espanhol, muito tempo/ daqui a pouco vou perder até o sotaque do português, vai ser horrível ((risos com tom irônico)) tenho que praticar mais ((risos)).

Nesse excerto discursivo, o *ethos* da aceitação da língua do outro está tanto sendo dito como mostrado. Observe o trecho “eu tenho mais facilidade com o espanhol” e “já estou perdendo um pouco o português”. Nesses fragmentos, MBAL3 assume-se como participante da dinâmica da língua do outro, assumindo isto pelo emprego dos verbos em primeira pessoa “eu tenho” e “estou”, evidenciando o *ethos* da aceitação pela forma como está enunciando.

O *ethos* é evidenciado também quando MBAL3 recorre a exemplos que justifiquem seu dizer, como se observa no fragmento: “porque pra mim falar o português eu já tenho que pensar, tipo assim, pra traduzir pro português pra eu poder falar porque eu já tô pensando em espanhol, muito tempo”. Ao produzir tal discurso, MBAL3 mostra a intensidade com que experimenta o processo mental de emprego da língua do outro em detrimento de sua própria língua materna, apontando uma facilidade em falar o espanhol, visto que sua língua materna já está estranha a tal ponto que é necessário um exercício mental de tradução para poder utilizá-la.

O tom atribuído ao trecho destacado corrobora o *ethos* da aceitação, como se pode depreender do trecho: daqui a pouco vou perder até o sotaque do português, vai ser horrível ((risos com tom irônico)). MBAL3 diz ser horrível perder o próprio sotaque da língua materna, no entanto, a forma como se enuncia contradiz sua enunciação, uma vez que a corporalidade assumida ao enunciar, relewa um fiador desprendido de preocupações com a perda das características fonéticas da língua materna, o que é sinalizado pelo riso irônico ao final da enunciação, dizendo para negar o que diz.

Para enfatizar o *ethos* da aceitação, presente no discurso de MBAL3, trago agora a relação com a língua em seu dia a dia, o que é evidenciado a partir de sua resposta ao questionamento: “Em que situações emprega o espanhol?”

Resposta de MBAL3:

Excerto 8:

(...) eu moro com a minha filha pequena e ela quase não fala português, fala muito pouco e meu marido também não fala português, então a gente fala mais espanhol / então é por isso também que ela perdeu um pouco de aprender o português porque se fala muito o espanhol em casa / o pai dela é venezuelano e ela estuda aqui, então não tem muito acesso ao português (...) Meus netos só falam espanhol, nasceram aqui, são venezuelanos os dois, eles entendem um pouco de português né, porque escutam a gente falar ou escutam algo na televisão, mas eles falam mais é espanhol ((neste momento da entrevista falou com seu neto de sete anos de idade em espanhol))

O *ethos* evidenciado no enunciado de MBAL3 reflete na maneira como ela experimenta as relações linguísticas em seu cotidiano. O excerto em destaque aponta que MBAL3 utiliza predominantemente a língua espanhola em seu contexto familiar, tanto que sua filha foi alfabetizada em espanhol. Um dos motivos para essa posição de MBAL3 é seu esposo ser venezuelano, então, nessa relação de poder o que predominou foi a língua do outro, aceita por MBAL3.

Essa situação exemplifica o que Maingueneau (2002, p. 99-100) define como incorporação, isto é, a ação do *ethos* sobre o co-enunciador. Assim, predominando a língua da comunidade do outro, o espanhol, em especial, falado pelo próprio esposo que integra essa comunidade, MBAL3, enquanto co-enunciadora, atribui um *ethos*,

dá um corpo ao enunciador, principalmente a seu esposo enquanto falante da variedade do espanhol falado na Venezuela; em seguida, incorpora, assimila essa maneira de se relacionar com essa língua; finalmente, como consequência dessas duas incorporações, constitui um corpo, o da comunidade imaginária dos que comungam a adesão ao mesmo discurso, o discurso dos que falam essa língua.

Tal processo é confirmado pelo tom que emana de sua enunciação que revela a autoafirmação na língua do outro. Observe que no momento em que MBAL3 enunciou que seus netos falavam apenas em espanhol, virou-se para um deles e estabeleceu uma rápida conversação nesse idioma, legitimando aquilo que estava sendo dito por ela. Essa atitude de MBAL3 remete a Maingueneau (2002, p. 96), para quem, o enunciador, por sua maneira de dizer, atesta a legitimidade do que está sendo dito, isto é, confere autoridade ao dito pelo fato de encarná-lo.

Explicitado o *ethos* da aceitação, passo agora à análise de outro *ethos* revelado nos discursos de MBALs, o *ethos* aqui denominado de *ethos* da oscilação.

4.3 ETHOS DA OSCILAÇÃO

O *ethos* que emana das análises empreendidas nessa seção está inserido em uma posição delicada, uma vez que os discursos selecionados mantêm uma forte relação com a língua materna, mas, ao mesmo tempo, seus enunciadores se permitem, ainda que parcialmente, um investimento no uso da língua do outro.

Dessa forma, buscou-se um termo que contemplasse as duas situações, não se pretende com isso sugerir que o *ethos* da oscilação esteja em situação de equilíbrio entre as duas línguas, como se existisse uma linha imaginária que dividisse ao meio o nível de envolvimento com o português e o espanhol.

Pelo contrário, o discurso é móvel e por isso possibilita diferentes maneiras de envolvimento com uma e outra língua. Dessa forma, o *ethos* aqui evidenciado é entendido como esse avançar para a língua do outro, sem desprender-se totalmente de sua língua materna.

Para as análises, trago os excertos de MBAL4 ao ser questionado sobre as seguintes perguntas: “Como se sente morando aqui em Santa Elena?” e “Você fala a língua espanhola?”

Respectivas respostas de MBAL4:

Excerto 9:

Eu me sinto bem, na realidade eu nem queria vir pra cá, porque a gente tinha comércio em Boa Vista e aí a gente morava lá, mas depois as coisas começaram a ficar difíceis aí foi que meu marido decidiu vir pra cá e eu tive que vir né, ERA O JEITO ((risos))...

Excerto 10:

Tem que falar ((risos)), falo, não falo BEM BEM, mas arrisco, (...) no início tinha alguma dificuldade, porque como eu te falo, meu marido ele fala espanhol ((o marido é equatoriano)) (...) mesmo usando o espanhol pra falar com os empregados e pra falar com os clientes venezuelanos, na minha casa com minhas filhas e com meu marido É SÓ PORTUGUÊS, mesmo ele sendo equatoriano, se tem como escolher, falo minha língua ((risos)).

Diante das falas selecionadas é possível perceber que há uma negociação entre o uso da língua do outro e um apego a sua língua materna.

Note-se que MBAL4 foi morar em Santa Elena contra a sua vontade Na realidade eu nem queria vir pra cá e meu marido decidiu vir pra cá e eu tive que vir né, ERA O JEITO, encarnando características associadas à figura de uma mulher companheira que foi direcionada a mudar de país por seu cônjuge. A resistência à mudança mostra-se nas enunciações eu nem queria vir pra cá e ERA O JEITO, que colocam MBAL4 em uma posição discursiva de distanciamento da comunidade de acolhida, uma vez que já apresentava resistência antes mesmo de mudar-se (*ethos* pré-discursivo). Esses enunciados evidenciam um apego ao seu país de origem.

No entanto, já em terras venezuelanas, ao ser questionada sobre como se sentia morando em Santa Elena, MBAL4 enunciou: Eu me sinto bem, demonstrando aí que o fato de ter ido viver em outro país, mesmo contra sua vontade inicial, não representava uma situação de desconforto para ela.

O fato de demonstrar que se sente bem reflete diretamente no uso da língua do outro, que, por meio do que está sendo dito e da maneira de dizer, evidencia um *ethos* da oscilação. MBAL4 não rejeita a variante do espanhol falada na Venezuela, pelo contrário, demonstra que a usa em determinadas situações: pra falar com os empregados e pra falar com os clientes venezuelanos.

Porém, ainda mantém um laço forte com sua língua materna ao utilizá-la no contexto familiar: “na minha casa com minhas filhas e com meu marido **É SÓ PORTUGUÊS**, mesmo ele sendo equatoriano”.

Tomando como base o trecho do parágrafo anterior, a maneira como MBAL4 enuncia confere legitimidade ao seu discurso. O tom (caráter e corporalidade), empregado com firmeza em defesa do uso da língua materna no contexto familiar, embora sendo seu esposo hispano-falante, percebido na ênfase de: É SÓ PORTUGUÊS e o uso do pronome possessivo minha para referir-se à língua materna são mostras de como MBAL4 faz para não se desprender de sua primeira língua, o português.

Por outro lado, ao ser questionada se falava a língua espanhola, MBAL4 enunciou “falo, não falo BEM BEM, mas arrisco”. Esse trecho evidencia o *ethos* da oscilação, já que, embora como explicitado no parágrafo anterior, MBAL4 mantenha sua relação com a língua materna, ainda assim não se priva do emprego da língua do outro, logo, nem absorve plenamente a língua do outro, mas também não a rejeita (REVUZ, 2006, p. 229).

O enunciado: falo, não falo BEM BEM, mas arrisco remete ao uso da língua de maneira moderada, o uso do verbo arriscar joga com as possibilidades do novo, do ir além, no entanto há um tom de moderação ao afirmar: não falo BEM, evidenciando que esse arriscar-se é feito com cautela.

Para enriquecer as análises sobre o *ethos* da oscilação, trago agora as enunciações de MBAL5 ao ser questionado sobre as respectivas perguntas: “Como se sente morando aqui em Santa Elena”, “Fala a língua espanhola?” e “Em que situações emprega o espanhol?”

Respostas respectivamente:

Excerto 11:

Me sinto muito feliz aqui, em termo de Manaus eu me sinto porque / tu sabe como é cidade grande né, aqui ainda é uma cidade pequena e a gente ainda vive muito tranquila ((a palavra “tranquila” foi pronunciada em língua espanhola)) aqui.

Excerto 12:

Vou te dizer que já da pra mim me defender né, mas não é tão fácil não, o espanhol principalmente tem palavras que se torna difícil viu, a gente pensa que é fácil, mas não é.

Excerto 13:

(...) é mais no trabalho mesmo, aqui na loja falo espanhol porque os clientes aqui falam mais espanhol, por a dona ser venezuelana, tem muito cliente venezuelano (...) eles pedem as coisas em espanhol e eu tenho que saber pra poder vender (...)

Início o processo de análise utilizando o excerto 11 que aqui destaco:

Me sinto muito feliz aqui, em termo de Manaus eu me sinto porque / tu sabe como é cidade grande né, aqui ainda é uma cidade pequena e a gente ainda vive muito tranquila ((a palavra “tranquila” foi pronunciada em língua espanhola)) aqui.

Nesse trecho, MBAL5 enuncia como se sente morando em Santa Elena: *Me sinto muito feliz aqui.* Para explicar o porquê de se sentir feliz, faz uso da comparação entre sua cidade natal (Manaus) que caracteriza como *cidade grande*, recorrendo ao co-enunciador, como se observa no fragmento *tu sabe como é cidade grande, né?*, procurando fazê-lo aderir a um universo de sentido específico (estereótipos atribuídos às cidades grandes, tidas, provavelmente, como mais violentas, como sugerido no não dito) e caracterizando Santa Elena como “muito tranquila”, estereótipo de cidade pequena, para legitimar o que está sendo dito.

A maneira de dizer de MBAL5 revela uma maneira de ser, imagem do fiador que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que constrói em seu enunciado. Note-se que a enunciante buscou um universo de sentido que levasse à participação imaginada de uma experiência vivenciada (o fato de morar em cidade grande não deixá-la feliz como a cidade pequena o faz). Dessa forma, o discurso de MBAL5 revela um caráter de pessoa tranquila e simples que é feliz na comunidade de acolhida.

Trazendo aspectos linguísticos para a análise, observa-se que a forma como foi dito legitimou o dizer de MBAL5, por meio de uma sutil transferência da língua

espanhola para a língua portuguesa em *tranquila* que foi pronunciada em espanhol, revela uma aproximação com a língua do outro.

Porém, nos outros excertos de MBAL5 trazidos para a análise, se percebe que esse envolvimento não é algo tão forte como evidenciado em MBAL3 (ver *ethos* da aceitação, em 4.2, acima). Em MBAL5, se nota uma negociação entre o fato de estar feliz (adjetivo usado no discurso de MBAL5) em Santa Elena, usando língua espanhola e um apego ao país de origem. Assim, o fato de manter uma relação com sua língua materna não representa uma evitação da língua do outro (tanto que há até transferência como já foi mostrado). Diante disso, se observa a evidenciação do *ethos* da oscilação.

Para melhor compreender o *ethos* da oscilação, observe-se o trecho retirado do excerto 10:

Vou te dizer que já da pra mim me defender né, mas não é tão fácil não, o espanhol principalmente tem palavras que se torna difícil viu, a gente pensa que é fácil, mas não é.

Nesse enunciado, MBAL5 revela que possui dificuldades no uso da língua espanhola, principalmente no léxico desse idioma *mas não é tão fácil não, o espanhol principalmente tem palavras que se torna difícil viu*. No entanto, mesmo enfrentando dificuldades, MBAL5 usa esse idioma em sua comunicação *Vou te dizer que já da pra mim me defender né*, ou seja, esse enunciado revela uma imagem de negociação (mesmo com dificuldade, há o uso da língua do outro), evidenciando dessa forma, o *ethos* da oscilação.

Neste trecho: *Vou te dizer que já da pra mim me defender né*, a enunciante demonstra um tom jocoso, já que o verbo *defender* não está sendo usado no sentido literal e transmite a imagem de uma fiadora que utiliza a língua do outro quando necessário sem resistência, mesmo com suas limitações.

Quanto às situações de uso do espanhol, MBAL5, no excerto 11, assim se enuncia:

(...) é mais no trabalho mesmo, aqui na loja falo espanhol porque os clientes aqui falam mais espanhol, por a dona ser venezuelana, tem muito cliente venezuelano (...) eles pedem as coisas em espanhol e eu tenho que saber pra poder vender (...)

No trecho é mais no trabalho mesmo, o emprego da expressão “é mais” pode remeter à ideia de que MBAL5 usa a língua espanhola em outros lugares também, no entanto, o uso do vocábulo “mesmo” sobrepõe-se ao de “é mais” e estabelece um tom que fixa o uso instrumental da língua, como se depreende da sequência discursiva: falo espanhol porque os clientes aqui falam mais espanhol, por a dona ser venezuelana, tem muito cliente venezuelano, em que a enunciadora busca justificar o motivo pelo qual usa o espanhol através da conjunção explicativa **porque**, conferindo a si a imagem de uma trabalhadora dedicada que busca agradar o cliente, facilitando o processo de comunicação, como demonstrado no trecho: aqui na loja falo espanhol porque os clientes aqui falam mais espanhol. Dessa forma, se percebe que há um motivo para o uso instrumental da língua.

Diante de tudo que foi analisado no discurso de MBAL5, é possível observar que o *ethos* da oscilação é evidenciado, ao se perceber a negociação que os discursos apresentam acerca do uso da língua do outro, da inserção na cultura da comunidade de acolhida, mesmo que esses processos representem o enfrentamento de obstáculos, em virtude de se possuir uma língua materna, fundadora de nossa estruturação psíquica:

(...) o exercício requerido pela aprendizagem de uma língua estrangeira se revela tão delicado porque ao solicitar, a um tempo, nossa relação com o saber, nossa relação com o corpo e nossa relação com nós mesmos enquanto sujeito-que-se-autoriza-a-falar-em-primeira-pessoa, solicitam-se as bases mesmas de nossa estruturação psíquica, e com elas aquilo que é, a um mesmo tempo, o instrumento e a matéria dessa estruturação: a linguagem, a língua chamada materna (REVUZ, 2006, p. 217)

Assim, a tentativa de falar na língua do outro questiona e modifica o aquilo que o sujeito já construiu em sua própria língua materna, ocasionando comportamentos que negociam o que é dito em uma e outra língua, evidenciado aqui como *ethos* da oscilação.

4.4 ETHOS E HIBRIDISMO LINGUÍSTICO-CULTURAL

As análises efetuadas nas seções 4.1 *Ethos* da evitação, 4.2 *Ethos* da aceitação e 4.3 *Ethos* da oscilação acima podem sugerir que tais classificações sejam absolutas, embora o simples fato de que se evidenciem *ethe* diferentes já demonstrem certa heterogeneidade que denunciam o hibridismo de *ethos* apresentado pelos migrantes brasileiros atendentes de loja em Santa Elena de Uairén. Todavia, há de se considerar que, em se tratando de sujeitos pós-modernos que habitam uma fronteira cultural, mesmo no interior de cada tipo de *ethos* constatado, haja matizes de outro(s) tipo de *ethos*, de forma que os três tipos aqui evidenciados devem ser tratados não como absolutos, mas em termos de predominância.

Nesse sentido, retomo a fala de MBAL1 ao se pronunciar sobre o gosto de falar a língua do venezuelano:

Resposta de MBAL1

Gosto não ((foi bem rápida e objetiva ao responder, com tom de seriedade na voz)). Eu não gosto de falar essa língua, mas eu preciso falar pra poder trabalhar, trabalho no comércio / mas eu não gosto, tanto que quando eu morava em Boa Vista não gostava de falar o espanhol, não falava, mesmo sabendo (...) eu não tenho motivo pra não gostar de falar a língua do venezuelano, mas eu tenho a MINHA língua e gosto mais dela porque é MINHA.

Observe que, no trecho em questão, o discurso de MBAL1 evidencia o *ethos* da evitação, já analisado na seção 4.1 desse capítulo. No entanto, o que queremos aqui destacar é a existência de algumas nuances no discurso desse informante que revelam a presença de outros *ethe*. Observe o trecho: Eu não gosto de falar essa língua, mas eu preciso falar pra poder trabalhar, trabalho no comércio. Na fala de MBAL1, mesmo que em um contexto maior esteja enunciado evitar o uso da língua do outro, há nesse excerto características que revelam, ainda que em menor intensidade, o *ethos* da oscilação, como se pode observar em: eu preciso falar pra poder trabalhar, trabalho no comércio, em que MBAL1 afirma usar essa língua,

negociando entre o apego que tem com sua língua materna e a necessidade em usar a língua do outro.

Esse hibridismo característico do *ethos* pode ser também verificado no discurso de MBAL3 que, conforme analisado na seção 4.2 desse capítulo, constitui predominantemente um *ethos* de aceitação. Como se pode constatar no Excerto 7, aqui retomado, em sua resposta à pergunta: “Quais as principais diferenças entre sua língua materna e o espanhol falado na Venezuela?”

Resposta de MBAL3:

(...) depois de tanto tempo acho que agora eu tenho mais facilidade com o espanhol, já estou perdendo um pouco o português / sim porque pra mim falar o português eu já tenho que pensar, tipo assim, pra traduzir pro português pra eu poder falar porque eu já tô pensando em espanhol, muito tempo/ daqui a pouco vou perder até o sotaque do português, vai ser horrível ((risos com tom irônico)) tenho que praticar mais ((risos)).

Nesse excerto, como visto na seção 4.2, não resta dúvida de que o discurso de MBAL 3 ilustra a predominância do *ethos* de aceitação. Todavia, ainda que de forma bastante tênue, marcas como aquela deixada pelo verbo de opinião “achar”, que denota possibilidade e não asseveração e a expressão de abrandamento de intensidade “um pouco”, como no fragmento depois de tanto tempo acho que agora eu tenho mais facilidade com o espanhol, já estou perdendo um pouco o português, demonstram que, mesmo “depois de tanto tempo”, ainda há um pequeno elo de apego à língua materna, o que é corroborado pelo Excerto 8, também retomado abaixo:

(...) eu moro com a minha filha pequena e ela quase não fala português, fala muito pouco e meu marido também não fala português, então a gente fala mais espanhol / então é por isso também que ela perdeu um pouco de aprender o português porque se fala muito o espanhol em casa / o pai dela é venezuelano e ela estuda aqui, então não tem muito acesso ao português (...) Meus netos só falam espanhol, nasceram aqui, são venezuelanos os dois, eles entendem um pouco de português né, porque escutam a gente falar ou escutam algo na televisão, mas eles falam mais é espanhol ((neste momento da entrevista falou com seu neto de sete anos de idade em espanhol))

Nesse Excerto, o fragmento: Meus netos só falam espanhol, nasceram aqui, são venezuelanos os dois, eles entendem um pouco de português né, porque escutam a gente falar, demonstra que, apesar de seus netos terem como língua materna o espanhol, o pai ser venezuelano, falar apenas essa língua que predomina no ambiente doméstico, ainda assim, fala-se português o suficiente para os netos entenderem esta língua.

Esses são apenas dois exemplos do hibridismo que caracteriza os *ethe* encontrados nos discursos de migrantes brasileiros atendentes de loja em contexto de fronteira.

Considerando esses sujeitos como pós-modernos, definidos por Hall (2006), como híbrido, mestiço e em constante processo de transformação e inseridos em um contexto de fronteira, noção aqui entendida como simbólica e cultural, chamamos a atenção para as possibilidades de *ethos* evidenciados nos discursos produzidos, e enfatizamos que a predominância de um tipo de *ethos* não representa a exclusão total de outros, ainda que de forma sutil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como propósito principal investigar, a partir das práticas discursivas, *ethe* de migrantes brasileiros que trabalham como atendentes de loja no comércio de Santa Elena-Venezuela, considerando, em especial, o relacionamento desses sujeitos com a língua da comunidade de acolhida.

Considerando as peculiaridades do espaço fronteiriço no qual residem os sujeitos da pesquisa, buscou-se apresentar as condições que determinam a formação discursiva e, conseqüentemente, a identidade discursiva desses sujeitos. Dessa forma é que foi empregada a noção de fronteira em uma perspectiva cultural, em função da compreensão de que esses sujeitos vivem em um espaço híbrido, um “entre-lugar” que aponta constantemente para o novo e a noção de identidade em seu sentido pós-moderno, não essencialista, mas dinâmico e fragmentado.

Diante dessas condições discursivas a que estão submetidas os sujeitos, optou-se por um modelo teórico que tratasse a subjetividade de um ponto de vista dinâmico, razão por que se optou pela AD de linha francesa, especialmente, dando ênfase especial na concepção de *ethos* discursivo encontrada nos trabalhos de Maingueneau (1989, 2002, 2008, 2011).

Os resultados obtidos com as análises empreendidas evidenciam três tipos de *ethos*: o *ethos* da evitação, o *ethos* da aceitação e o *ethos da oscilação*. O *ethos* da evitação caracteriza-se pelo receio que alguns falantes têm de romper os laços que mantêm com sua língua materna em situação de exílio linguístico, evitando, assim, o emprego da língua do outro. O *ethos* da aceitação, por sua vez, caracteriza-se pela aceitação e uso, por parte do falante estrangeiro, da língua da comunidade de acolhida. O *ethos da oscilação*, finalmente, é observado em sujeitos que mantêm uma forte relação com a língua materna, mas, ao mesmo tempo, seus enunciadores se permitem, ainda que parcialmente, um investimento no uso da língua do outro.

Em termos gerais, pode-se dizer que as análises aqui empreendidas revelaram sujeitos híbridos e fragmentados que estabelecem diferentes relações com as variedades do espanhol e do português faladas na fronteira, resultando, pois, em *ethe* distintos.

Por se tratar de um estudo de caso, os *ethe* discursivos evidenciados como proeminentes foram apenas três, uma mostra singela do que pode ser encontrada na fronteira Brasil-Venezuela. Estou segura de que outros *ethe* estão presentes nas

práticas discursivas de migrantes brasileiros atendentes de loja em Santa Elena, uma ótima empreitada para investigações futuras.

Para finalizar, considerando as análises empreendidas, saliento que o exílio linguístico pode levar o sujeito a experimentar diferentes relações com a língua do outro, o que pode ser evidenciado pela maneira de dizer, contida na noção de *ethos*, que reflete a maneira de ser do sujeito. Isso sinaliza uma relação estreita entre língua e cultura, pois quanto melhor se fala uma língua, mais se desenvolve o sentimento de pertencer à cultura da qual ela faz parte.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, J. S. **El fenómeno “portuñol” practicado por comerciantes brasileños en el área de frontera Brasil - Venezuela:** una lengua en situación de contacto. 2010. 130p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidad de Nebrija, Madrid, 2010. 123 p.
- AMOSSY, Ruth. (Org.). ‘Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso’. In: **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008. 208p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 146p.
- _____, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 110p.
- BERENBLUM, Andrea. **A invenção da palavra oficial:** identidade, língua nacional e escola em tempos de globalização. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 214p.
- BHABHA, Homi K. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. 394 p.
- BRAZ, Evódia de Sousa. **Línguas e identidades em contexto de fronteira Brasil/Venezuela**. 2010. 120p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2010.
- CERVO, Amado Luiz. A Venezuela e seus vizinhos. In: Guimarães, Samuel Pinheiro; Cardim, Carlos Henrique. **Venezuela: visões brasileiras**. Brasília: IPRI, 2003. 354p.
- COX, Maria Inês Pagliarini; ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de. Transculturalidade e transglossia: para compreender o fenômeno das ficções lingüístico-culturais em sociedades contemporâneas sem nostalgia. In: CAVALCANTI, Marilda C.; BORTONI-RICARDO, Stella Maris (Org.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007. p. 23-43.
- CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2012. 555 p.
- CHIZZOTTI, Antonio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais:** evolução e desafios. In: Revista Portuguesa de Educação. v. 16, n. 002. Portugal: Universidade do Minho, p. 221-236, 2003. Disponível em < http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1350495029.pdf.> Acesso em 25 fev. 2013.
- _____. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez Editora, 2008. 164p.

FERNANDES NETO, Pedro. A faixa de fronteira internacional norte do Brasil: uma análise comparativa entre os dois pares de cidades-gêmeas de Roraima: Pacaraima (Brasil)/ Santa Elena (Venezuela) e Bonfim (Brasil)/ Lethen (Guiana). In: X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, Rio de Janeiro. Disponível em < <http://www.retis.igeo.ufrj.br/tags/cidades-gemeas/page/3/#.VA3MafldVqU> > Acesso em 23 de fev. de 2013.

FREITAS, Aimberê. **Geografia e história de Roraima**. Manaus: Grafima, 1991.

FIGUEREDO, Erica. Governo da Venezuela deve racionar vendas para evitar desabastecimento. **Jornal da Globo**. 26 de nov. 2013. Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2013/11/governo-da-venezuela-deve-racionar-vendas-para-evitar-desabastecimento.html> > Acesso 10 de jan. 2014.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991. 177p.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2007. p. 96.

GREGOLIN, M. R. Michel Foucault: o discurso nas tramas da história. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. **Análise do discurso: unidade e dispersão**. Uberlândia: EntreMeios, 2004, p.19-42.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro: 11. ed. Rio de Janeiro – RJ: DP&A, 2006. 97p.

_____. Quem precisa de identidade?. In: SILVA, T. T. da. (org.). **Identidade e Diferença: as perspectivas dos estudos culturais**. 8. Ed. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000. p. 102-133.

HENRY, Paul. [1969] Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997. p. 13-38.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986. 94p.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1989. 198p.

_____. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002. 238p.

_____. **Gênese dos discursos**. Tradução: Possenti, Sírio. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 182p.

_____. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel & SALGADO, Luciana. (Orgs.). **Ethos discursivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 269p.

MUSSALIM, Fernanda. A análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. (orgs.). **Introdução à lingüística 2: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. 270p.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. **A herança dos descaminhos na formação do Estado de Roraima**. 2003. 378p. Tese (Doutorado em História Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 3ª ed. São Paulo: Pontes, 2001. 100p.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997, p. 163-252.

PÊCHEUX. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997a, p. 61-105.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do obvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al]. 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997b.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. IN: MARTINS, Maria Helena (orgs.). **Fronteiras Culturais: Brasil-Uruguai-Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. 250 p.

_____. Fronteiras da história: uma leitura sensível do tempo. In: SCHÜLER, Fernando; AXT, Gunter; SILVA, Juremi Machado da Silva (orgs.). **Fronteiras do pensamento: retratos de um mundo complexo**. Lugar: UNISINOS, 2008. 566p.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (org.). **Língua(gem) e identidade**. São Paulo: Mercado de letras, 2006. 384 p.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 334p.

RODRIGUES, Francine. Migração Transfronteiriça na Venezuela. Estud. av. São Paulo. vol. 20, n. 57. p. 197-207, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142006000200015&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em 04 de fev. de 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SERRANI, Silvana. **Discurso e cultura na aula de língua / currículo - leitura-escrita**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

SILVA, Maria Ivone Alves da. **O ethos em “La Línea” de fronteira Brasil/Venezuela: ambiente Ecolinguístico e redes sociais**. 2012. 118p. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da. (org.). **Identidade e Diferença**. 8. Ed. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2012. 175p.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença**. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000. p. 7-71.

.

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LETRAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Eu, Nathália Oliveira da Silva, aluna do Mestrado em Letras da UFRR, venho através deste convidá-lo (a) a participar da pesquisa intitulada: **“O ETHOS DO MIGRANTE BRASILEIRO ATENDENTE DE LOJA EM SANTA ELENA DE UAIRÉN (VENEZUELA): O RISCO DO EXÍLIO LINGUÍSTICO”**. Sobre a pesquisa seguem as informações:

1. A participação é voluntária. Caso você aceite participar, sua fala será coletada por meio de gravador digital.
2. Quando houver publicação, dados como nome, endereço residencial não serão divulgados. Os nomes dos entrevistados serão modificados, para isso utilizaremos nomes fictícios ou siglas. As perguntas realizadas não pretendem trazer nenhum desconforto ou risco, já que são somente sobre suas experiências e vivências linguísticas. Portanto, não há riscos e prejuízos de qualquer espécie em virtude de desconfortos, riscos morais e constrangimentos que poderiam ser provocados pela pesquisa. Dou a garantia de que o interesse é científico sem intenção de promover ou macular a imagem de quem quer que seja.
3. Não há nenhum fim lucrativo para a sua participação na pesquisa, tendo a pretensão maior dar voz a migrantes brasileiros atendentes de loja em Santa Elena de Uairén. Sendo assim, sua participação será espontânea e gratuita. Informamos, ainda, que a qualquer momento você poderá desistir da participação da mesma. Pode, também, fazer qualquer pergunta sobre a pesquisa.
4. Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e aceitar participar do estudo, solicito a assinatura do mesmo em duas vias, ficando uma em seu poder. Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca deste estudo poderão ser obtidos junto a mim, pelo telefone _____, pelo endereço _____, e pelo endereço eletrônico _____.

Eu _____ decido participar desse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de

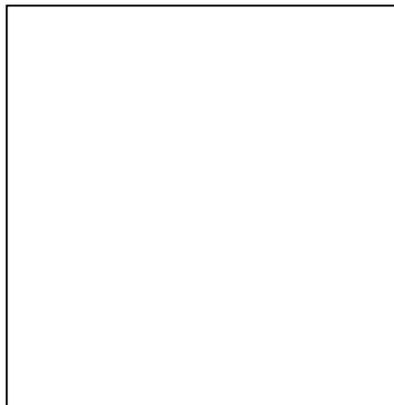
esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação é isenta de quaisquer despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido. Declaro que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Boa Vista-RR, ____ de _____ de 2013.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Impressão dactiloscópica no caso de não saber escrever



ANEXO B - AUTORIZAÇÃO GRATUITA DE DIREITOS DE ENTREVISTA
GRAVADA EM ÁUDIO E DE USO DE IMAGENS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LETRAS
AUTORIZAÇÃO GRATUITA DE DIREITOS DE ENTREVISTA GRAVADA EM
ÁUDIO E DE USO DE IMAGENS

Pelo presente termo particular de autorização de uso de imagem e voz,

Nome:

Nacionalidade:

Estado civil:

Profissão:

RG n.º

CPF n.º

Residente e domiciliado:

autoriza Nathália Oliveira da Silva, aluna regularmente matriculada (matrícula n.º 20122303) no Mestrado em Letras da UFRR, inscrita no CPF sob n.º _____, RG n.º _____, residente à rua _____, o uso de sua imagem e voz, em decorrência da participação na pesquisa de Dissertação intitulada: **O Ethos do Migrante Brasileiro Atendente de Loja em Santa Elena De Uairén (Venezuela): O Risco do Exílio Linguístico.**

O presente instrumento particular de Autorização é celebrado a título gratuito, podendo ser utilizada, divulgada e publicada, para fins culturais e científicos, a mencionada entrevista e imagens no todo ou em parte, editada ou não, bem como permitir a terceiros o acesso à mesma para fins idênticos, com a ressalva de preservar a integridade e a indicação de fonte.

O presente instrumento particular de Autorização é celebrado por ambas as partes de modo que seus sucessores devem respeitar integralmente os termos e condições estipuladas no presente instrumento.

Boa Vista-RR, _____ de _____ de 2013.

Participante

ANEXO C - QUESTIONÁRIO SÓCIO-LINGUÍSTICO REALIZADO COM
OS MIGRANTES BRASILEIROS ATENDENTES DE LOJA EM SANTA
ELENA

QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO

Objetivo: conhecer o cenário sócio-linguístico dos migrantes brasileiros atendentes de loja em Santa Elena de Uairén.

- 1) Qual seu nome?
- 2) Qual sua idade?
- 3) Qual sua profissão?
- 4) Em que ramo comercial você trabalha?
- 5) Quanto tempo reside em Santa Elena de Uairén?
- 6) Quanto tempo trabalha com o comércio em Santa Elena de Uairén?
- 7) Você é natural de que cidade e estado brasileiros?
- 8) Qual sua escolaridade?
- 9) Você tem parentes venezuelanos?
- 10) Você tem pessoas próximas que falam a língua espanhola?

**ANEXO D- ROTEIRO DE ENTREVISTA COM MIGRANTES
BRASILEIROS ATENDENTES DE LOJA EM SANTA ELENA (MBAL)**

Tema Norteador I	IDENTIDADE E DIFERENÇA		
Perguntas			
1) Como você se sente morando aqui em Santa Elena? 2) Já se sente integrado ao modo de vida desse lugar? 3) Como avalia sua relação com o povo venezuelano? / Você enfrentou (ou enfrenta) alguma dificuldade no trato com o venezuelano? 4) Qual(is) a(s) maior(es) diferenças entre viver em Santa Elena e viver no Brasil? 5) Qual foi o fator decisivo que fez você deixar o Brasil e vir morar em S.E? 6) Que diferenças há entre relacionar-se com os venezuelanos e com outros povos (inclusive brasileiros) que vivem aqui em Santa Elena?			
Tema Norteador II	IDENTIDADE PROFISSIONAL		
Perguntas			
1) Como se sente no exercício de sua função profissional (atendente de loja) aqui em Santa Elena? 2) O fato de trabalhar em um local de fronteira oferece obstáculos para o exercício de sua profissão? Qual(is)? 3) Acha relevante o domínio da língua para o exercício de sua profissão? 4) Participou de algum curso ou evento (palestra, por exemplo) de capacitação para o exercício da função que considerasse a particularidade de atuar em uma área de fronteira?			
Tema Norteador III	IDENTIDADE LINGUÍSTICA		
Perguntas			
1) Fala a língua espanhola? Acha fácil falar essa língua? 2) Como você aprendeu a falar a língua espanhola? 3) Quais as principais diferenças entre sua língua materna e o espanhol falado na Venezuela? 4) Você gosta de falar a língua do venezuelano? 5) Qual(is) o(s) maiores obstáculos que você enfrentou (ou enfrenta) ao falar o espanhol? 6) Em que situações emprega o espanhol? 7) No trabalho, qual língua é predominante?			

ANEXO E- CONVENÇÕES PARA TRANSCRIÇÃO DE DADOS

As convenções abaixo descritas são uma adaptação das transcrições de conversões de Marcuschi (1986, p. 9-13).

/... /	Pausa longa
/	Pausa curta
(inint)	Trecho duvidoso ou incompreensível
Letra maiúscula	Ênfase ou acento forte
...	Transcrição parcial de trecho
(...)	Eliminação de fala
(())	Comentário do pesquisador/ transcritor
[[Falas simultâneas
[Passar para próxima resposta

ANEXO F- TRANSCRIÇÕES DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO
SOCIOLINGUÍSTICO

MBAL1- MBL1 [18 anos [Atendente de loja [Loja de roupas intimas [morou dos 6 aos 12 anos, retornou a Santa Elena aos 16 anos [1 ano [Boa Vista-RR [Ensino Médio Completo [Não [Sim, meu chefe, meus amigos.

MBAL2- MBAL2 [21 anos [Eu sou vendedor, atendo em lojas [Importadora, vende em atacado e importados [3 anos, eu já morei em Pacaraima também, uns três ou quatro anos e trabalhava com o comercio lá [Eu comecei aqui faz uns 2 anos mais ou menos, mas a loja já existe há uns 6 anos, é do meu padraço, e ele administra [Belém do Pará [Ensino Médio Completo [A irmã do meu padraço, meu padraço é estrangeiro, ele é peruano [Minha mãe, meu padraço, quase toda minha família ((risos)).

MBAL3- Mbal3 [41 anos [Eu trabalho no comércio [loja de roupas e sapatos [Eu moro aqui há quase 25 anos [mais de 11 anos [Fortaleza-CE [Ensino Médio incompleto [Neto, marido, filhos...bueno os filhos nasceram lá em Boa Vista, mas se criaram aqui [sim, todo mundo, marido, filhos e netos.

MBAL4- Meu nome é MBL2 [32 [atendente de loja [loja de protudos diversos, como roupa; cama, mesa e banho; sapatos e outros [5 anos [2 anos e meio [Parentis-AM [Segundo Grau Completo [Venezuelanos não, só meu marido que é equatoriano [meu marido.

MBAL5- O meu é MBL3 [48 anos [sempre foi atendente de loja aqui [loja de produtos naturais [20 anos [19 anos [Manaus-AM [tenho o Ensino Médio [Sim [Minha chefa.

ANEXO G - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM
MIGRANTES BRASILEIROS ATENDENTES DE LOJA EM SANTA
ELENA

MBAL1

Como eu me sinto? Me sinto bem porque aqui tem mais facilidade da gente ter as coisas, tudo mais barato (...) os venezuelanos tratam bem, sempre que a gente precisa eles estão ali. [Acho que sim / porque eu moro aqui, trabalho aqui, tem que se acostumar né? (...)] Mas eu ainda não me sinto integrada a cultura do venezuelano ((risos e expressão de resistência no rosto, também balançou a cabeça negativamente ao pronunciar essa frase)) tipo as músicas, a comida, assim eu gosto de alguma comida, mas eu prefiro a comida do Brasil, essas coisas (...) tem muito brasileiro aqui e eles influenciam os venezuelanos, acho que a maioria dos venezuelanos já aderiu à cultura brasileira, os venezuelanos já querem ser brasileiros ((risos)) / porque, por exemplo, oh no modo de vestir, roupa, tem muitos venezuelanos aí que só quer roupa brasileira, as venezuelanas aqui não gostavam de short, de roupa curta e como aqui vem muito brasileiro, no começo os venezuelanos não aceitavam, achavam que toda brasileira era puta porque usava roupa curta e agora não, você vê por aí venezuelana com short, com saia, isso elas não usavam, era só calça, calça, calça (...) com relação ao clima Boa Vista é muito quente né, aqui já não é tão quente, é mais frio, melhor. [A relação é boa, no... normal / eu tenho muitos amigos aqui porque eu morei muito tempo, eu moro aqui, trabalho aqui e minha amizade a maioria é venezuelano e árabe, meu namorado é árabe e meus amigos venezuelanos, por isso não enfrentei dificuldades com eles. [/.../ não vejo tanta diferença, mas o ensino lá no Brasil é melhor do que o daqui em Santa Elena, pelo menos, porque eu vejo aqui o pessoal paga os professores pra passar, essas coisas, entende? Eles não ligam muito assim, se tu tem dinheiro se dá bem (...) aqui não tem pra onde sair, lá no Brasil tem, a família vão passear, vão pra pizzaria, aqui quase não tem nada né, lá tem o Eco Park, Aquamak, aqui não tem diversão, aqui o povo vem só beber e pronto, essa é a diversão / Mas em relação ao trabalho, aqui é mais fácil de conseguir trabalho porque lá no Brasil se tu não tem o segundo grau tu não consegue um trabalho bom, num vai ganhar muito, aqui se tu num terminar o segundo grau tu tem trabalho, tu pode ser gerente de uma loja, aqui o ramo mais fácil é loja, aqui tem muita loja e eles procuram muito brasileiro que falam os dois idiomas, porque os brasileiros atendem melhor ((expressão de alegria e risos contidos)) / num sei se tu já foi em loja de venezuelano e quando chega um cliente brasileiro eles tratam mal, não querem atender e o atendente brasileiro não, o brasileiro aceita mais, explica direitinho, limpa /.../ até quando estão procurando alguém numa loja, tipo meu namorado que tem uma loja do lado do China América ((loja conhecida em Santa Elena)) fala assim: eu quero brasileira, todos querem brasileiros, os donos de loja aqui preferem brasileiros, sejam chinos, árabes... (...) com relação aos costumes não vejo muita diferença / como aqui é fronteira acho que um está habituado no costume do outro. [Não foi porque eu quis, foi porque minha mãe trabalhava no garimpo, morava pra cá, então ela ganhava bolívar ((moeda venezuelana)) e pra ela ficar mandando era pouco, pouco dinheiro e então ela queria que eu viesse pra cá pra ela poder me dá mais coisas entende, então eu vi e aí como me acostumei, fiz amizade aqui ela foi semana passada morar pra Boa

Vista e eu fiquei, mas eu fiquei sozinha, minha família não tá aqui e por mais que eu tenha amigos mas não ocupa né, então eu acho que daqui uns dois meses eu vou pra lá, na verdade ainda tô pensando, não decidi. [Oh, sabe que não tem tanta diferença, porque... só porque eles são árabes, são chinos, são venezuelanos, mas são pessoas, então não há diferenças (...) mas eu acho que o trato com os árabes é melhor ((risos e expressão fazendo menção a seu namorado que é árabe)) eles são muito bacanas, melhor que os venezuelanos (...) num sei sabe, os venezuelanos querem se amostrar, querem ser melhor do que todo mundo, assim, querem ser superior, entende? (...) Mas os clientes venezuelanos são melhores que os brasileiros, os brasileiros são muito abusados ((risos)) aqui sabe já é barato, mas barato do que no Brasil, então o cliente brasileiro quer um valor mais baixo do que no Brasil, entende? Aí eles acham que vão fazer a festa aqui em Santa Elena com 50 reais /.../ os preços são iguais para brasileiros e venezuelanos, tem uns comerciantes que sobem o valor, mas são iguais. [Eu me sinto bem, eu gosto de trabalhar aqui / porque eu gosto de trabalhar com público, eu gosto de falar. [Eu acho que sim, a concorrência, tem muitas lojas, muitas lojas em Santa Elena, muitas, muitas, muitas / então a concorrência é muito grande. Isso dificulta pros donos, porque tem muitas lojas do mesmo ramo comercial e a concorrência não é só com venezuelanos, tem muitos brasileiros donos de lojas também, então isso dificulta os lucros (...) nessa hora o vendedor que faz a diferença, se vende bem, tem mais lucro pra loja, eu gosto de vender, gosto de falar, acho que sou uma boa vendedora. [Claro, porque como aqui é fronteira, vem brasileiro e vem venezuelano e se eu não souber falar o espanhol como é que eu vou atender bem o meu cliente? (...) aqui na fronteira, assim como é importante o espanhol é importante o português, as duas línguas porque vem brasileiro e vem venezuelano, por exemplo vem um cliente e pede uma coisa que eu não sei o que que é isso, como eu vou poder ajudar ele? Por isso as duas são importantes. [Não, nunca participei e nunca ouvi falar de alguém que participou. [Falo / eu...eu acho fácil porque eu morei aqui antes, então quando a gente é pequena é mais fácil para aprender, eu aprendi quando era pequena, meu padrasto era venezuelano, aí eu convivendo eu aprendi. [Com meu padrasto e com minha mãe, em casa. Apesar de minha mãe ser brasileira ela falava espanhol com meu padrasto que era venezuelano e eu acabei aprendendo também com eles (...). [as duas línguas são parecidas, mas com significados diferentes /.../ dá pra saber quando é brasileiro porque os venezuelanos falam muito rápido e tipo cantando assim, já o brasileiro fala assim, pronuncia cada palavra, bem forte, e aqui na Venezuela não. [Gosto não ((foi bem rápida e objetiva ao responder, com tom de seriedade na voz)). Eu não gosto de falar essa língua, mas eu preciso falar pra poder trabalhar, trabalho no comércio / mas eu não gosto, tanto que quando eu morava em Boa Vista não gostava de falar o espanhol, não falava, mesmo sabendo, mas aqui eu já tô acostumando (...) eu não tenho motivo pra não gostar de falar a língua do venezuelano, mas eu tenho a minha língua e gosto mais dela porque é minha.[Nenhum obstáculo, não que eu saiba, uso essa língua com os clientes venezuelanos, mas não lembro de nenhum obstáculo. [Aqui no trabalho precisa quando é venezuelano, mas aqui num precisa falar tanto porque todo mundo entende português e o espanhol, se vai comprar alguma coisa não precisa falar o espanhol obrigatoriamente, se quiser falar espanhol tu fala, se quiser falar português tu fala (...) com meu chefe falo português, falo espanhol porque meu chefe é árabe e ele fala os dois idiomas / sou a única que trabalha na loja então falo mesmo com os clientes, quando é venezuelano falo o espanhol, quando é brasileiro falo o

português. Mas na loja entra mais brasileiro, então acabo falando mais o português aqui (...). [O português porque a maioria dos nossos clientes são brasileiros.

MBAL2

Aqui é bom ((pelo tom de voz não demonstrou certeza)), eu gosto daqui, eu gosto desse lugar, acho bem legal, conhecer pessoas novas que sempre estão passando por aí, geralmente tem muito estrangeiro que entra na loja né, eles gostam muito de artesanato e a gente vende um pouco de artesanato (...) pra ser sincero venezuelano é um tipo de pessoa que... bem estressado, ele né que nem o brasileiro não, que a gente chega, conversa, venezuelano é um pouco mais estressado (...) No dia a dia pra ser sincero eu não falo muito com venezuelano não, é mais com brasileiro aqui, só falo com venezuelano o necessário mesmo porque eu não me dou MUITO BEM COM ELES NÃO. [NÃO, porque eu não sou muito acostumado aos costumes deles, aos tipos de comida, como eles vivem, não sou acostumado. Viver aqui é porque preciso, mas querer mesmo, eu não essa vontade não. [Enfrentei dificuldades logo no início, não sabia muito a língua né e era difícil vender, eles perguntavam e era difícil ((risos)) responder né, algumas coisas davam pra responder e outras não, aí ficava meio difícil né, eles compreender a gente e a gente compreender, mas com o tempo foi melhorando. Hoje não tá ótima a relação, mas dá pra levar (...).O venezuelano é uma pessoa cômoda, tranquila, pelo menos aqui em Santa Elena não são muito consumistas, compram mais é o necessário, uma pessoa pacata de cidade pequena / os brasileiros vem aqui mais como turista, um pessoal contente, anda passeando, anda conhecendo, o contanto que eu tenho é com pessoas assim. [Brasileiro é muito acostumado em termos de gastronomia a comer a nossa comida, feijão, arroz, churrasco, carne / isso aqui eles não... ((risos)) aqui é totalmente diferente, eles vendem frango frito com bolinhos e salada, aquilo lá eu acho horrível, num gosto não, só um frango com uma salada crua e uns bolinhos de milho eu acho não é legal. O que eu gosto daqui é comida chinesa, arroz frito, arroz com camarão, isso aí eu gosto (...) eu não consigo me imaginar como um venezuelano, porque vivi minha vida toda no Brasil, já cheguei aqui grande/ talvez se eu morasse aqui desde pequeno mesmo, talvez eu conseguia sim, os costumes, talvez eu tivesse pegado um pouco, mas eu não me vejo venezuelano. Acredito que se eu fosse venezuelano eu já tinha saído do país ou vindo pra perto da fronteira que é bem mais fácil, é melhor / porque lá dentro é feia a coisa, é difícil a vida lá dentro /lá dentro a situação é tão critica que eles te matam por um celular/ muita gente passa necessidade mesmo (...) é mais um brasileiro se acostumar com a vida aqui do que um venezuelano se acostumar com a vida no Brasil, um venezuelano o salário dele aqui dá em torno de uns 130 reais mais ou menos, pra eles é bastante, pra eles dá pra viver assim né, entre aspas, dá pra comer, só que pra nós 130 reais...130 reais eu gasto quando vou pra pizzeria ((risos)) pro cinema, já foi. Então se eles forem pro Brasil e ganharem o nosso salário mínimo aqui equivale a 20.000 bolívares, nem um juiz ganha 20.000 bolívares aqui dentro. Imagina um médico que estuda que só vai trabalhar aqui e ganha 10.000 bolívares equivalente a 358 reais ((o entrevistado fez essas contas considerando o valor do cambio no dia da entrevista que estava vinte e oito bolívares por um real)) / 10.000 bolívares aqui eu vendo num dia, eu vendo 10.000, 15.000 bolívares por dia. Então é difícil a situação deles, mas pra eles se eles ganharem 2 a 3 mil bolívares ainda dá pra se manter porque o governo daqui dá casa, dá comida barata, entendeu? Isso que eu falei,

eles são acostumados com isso. [Tem, entre brasileiro e venezuelano tem muita diferença, porque brasileiro...tanto que nossa família aqui é brasileira né, é mais fácil, eles chegam aqui são legal, são gente boa, perguntam tudo, conversam, gostam muito de conversar, já o venezuelano não porque os preços que a gente vende aqui, por exemplo, é caro pra eles e pros brasileiros não, então eles reclamam muito que tá muito caro mas é por causa da moeda deles que tá baixa / pra nós não compensa vender o preço deles / por exemplo se for vender uma capa de celular de 400 bolívares pra eles já é 1/3 do salario deles, é muito alto / já pros brasileiros não, então tem essa diferença e eles reclamam bastante por causa do preço (...) os venezuelanos acredito que eles não pensam em mudar o ambiente que eles vivem porque a gente que tá fora assim, por exemplo, brasileiro mesmo, nós né, a gente até fica discutindo isso em casa / eles não pensam em ter um lugar melhor pra viver/ tipo assim, o governo tem um mercado toda sexta feira e o preço pra eles sai muito barato nesse mercado, só que pra você comprar um kg de leite você tem que enfrentar uma fila de mais de cem pessoas na sua frente / eles não pensam em mudar isso / se fosse um país capitalista, pagando imposto né / tinha igual como se vê no Brasil, chega no supermercado e vê de tudo / só que é um pouco custoso, mais você tem, você não precisa pegar essas filas, você precisa pegar fila só pra pagar e essa é a diferença / eu acredito que se eles fizessem algo pra mudar / a sociedade mesmo, acredito que seria bem melhor pra eles / ganhar um salário digno e comprar as coisas do modo deles né, pagando pelo menos um pouco de impostos, não tanto como o Brasil, mas pagando pra ter vários produtos no supermercado pra comprar, acredito que assim eles viveriam melhor / uma pena que isso é cultural, eles já viveram com isso desde o passado, então é difícil mudar, eles são muito acomodados com o que vivem. [Aqui eu me sinto bem porque eu acredito que as lojas dos brasileiros que tem aqui em Santa Elena vendem muito mais do que eles por causa que a gente tem um trato melhor, por exemplo eu chego na loja de um venezuelano pra comprar uma mochila que tá no alto e eles perguntam se você vai comprar / porque eles não vão tirar pra você ver e depois ir embora, eles primeiro perguntam se você vai comprar, eles são assim, pra eles tanto faz como tanto fez e nós brasileiros não, procuramos agradar o cliente / quanto mais a gente vende, mais a gente quer vender / acredito que já é da cultura capitalista ((risos)) (...) aqui a gente trata mais com brasileiro do que com venezuelano / final de semana aqui você encontra muito mais brasileiro e eu me dou bem com eles é bom pros negócios também porque a gente trata bem, a gente fica interessado no que eles vão comprar, a gente explica e tudo / já o venezuelano não. [Não, acredito que não, eu penso que melhora / acredito que a fronteira amplia mais, abre os olhos pro mercado, dá pra ter uma noção do que que vende, do que que não vende/ acredito que só ajuda entendeu? Porque ajuda a saber o que que o povo do Brasil quer dos produtos da Venezuela / então acredito que não atrapalha, ajuda bastante ser fronteira. [É muito importante porque se você fala somente uma língua...,por exemplo, você vem de lá né, você é brasileira e não tem muito interesse em aprender, nem que seja o básico, pra trabalhar em qualquer área aqui vai ser difícil. Se você pegar um lugar bom pra trabalhar acredito que não vá durar muito tempo / maioria da clientela aqui é brasileira e estrangeira também, e os estrangeiros que vem pra cá já vem aprendendo um pouco básico do espanhol, a gente nem fala tanto o inglês aqui com eles, é só o espanhol, porque eles já vem aprendendo / então seria muito bom saber o espanhol pra falar aqui. [Não, nunca participei / que eu me lembre nunca ouvi falar que eles oferecessem esses cursos aqui. [Eu? Dá pra

me virar ((risos)). Eu aprendi já bastante, eu não falo fluentemente assim que nem minha mãe, meu padrasto, mas / me viro (...) não é tão difícil não porque tem muitas palavras que já é parecida com... com o português e eles falam bem rápido por isso que o brasileiro não entende, porque eles falam rápido / mas se você prestar bastante atenção é quase a mesma palavra. Então pra mim é assim, eu tenho que prestar bastante atenção, eu presto bastante atenção e sei qual a palavra que ele tá falando, por isso que não é tão difícil, entende? / Só que as pessoas não, elas ouvem só o som e é difícil pra elas, porque é muito rápido e aqui eles já falam devagar / imagina lá pra dentro mesmo, a primeira vez que fui lá pra dentro não entendia nada (...) [Com minha família mesmo e trabalhando aqui no comércio/ nunca fiz nenhum curso de espanhol/ eu acho que se até se eu fizesse não falaria bem assim porque eu não gostava de assistir aula de espanhol na escola, achava chato demais / eu já falava espanhol todo dia na loja e chegar lá na escola aí ter que falar também, eu achava chato (...). [Diferenças? /.../ tem...tem bastante, como disse, tem palavras que dá pra perceber e tem outras que não / nome de fruta não dá, é diferente / praticamente quase todas são diferentes / hoje de manhã eu fui tomar um café ali e tinha suco de *papelón*, se olhasse pensava que é papelão né, mas é de rapadura. Então tem algumas palavras bem diferentes e tem outras que também não são tantas entendeu, como *plaza* é praça, *plata* é a mesma coisa, prata...muda as vezes só o "R", o "L", algumas diferenças pequenas e tem outras que são bem...você não entende mesmo não. [Pra falar o espanhol? / por telefone, eu não gosto de falar o espanhol por telefone, eu acho bem complicado, é bem difícil mesmo porque as vezes ligam pessoas de fora e falar bem mais enrolado entendeu e por telefone as vezes a ligação já tá ruim e você ainda tem que prestar bastante atenção no que eles estão falando, aí é difícil. É uma dificuldade que eu ainda tenho, falar no telefone. [Quando vou em lugar assim (...) quando vem venezuelano aqui na loja tenho que falar espanhol, mas aqui praticamente usa mais o português do que o espanhol (...) A gente já identifica que é brasileiro, até no olhar a gente já identifica que é brasileiro ((risos)) (...) também dá pra identificar que são brasileiros pela bermuda, venezuelano aqui não anda de bermuda, as vezes a venezuelana anda com short né, mas não é como o brasileiro (...) em casa o idioma predominante é o português mesmo, porque em casa só meu padrasto que é estrangeiro ((de nacionalidade peruana)), aí ele tem que falar o português com a gente, ele fala o português, as vezes quando ele tá conversando com venezuelano ou peruano no telefone, ele tá falando espanhol e depois que ele acaba a ligação a gente vai perguntar alguma coisa pra ele e ele segue falando espanhol aí eu digo: Irmão, FALA PORTUGUÊS pai... ((risos)) porque lá todo mundo entende o espanhol, mas falamos o português (...) com os amigos também é o português / a maioria dos meus amigos são brasileiros, não tenho muita amizade com os venezuelanos daqui não, prefiro os brasileiros que são como eu, nos gostos, essas coisas. [O português, como eu te falei aqui na loja eu falo o espanhol quando entra um cliente venezuelano ou de outro país. Mas a maioria dos nossos clientes aqui são brasileiros, por isso que aqui na loja eu uso mais o português.

MBAL3

Bem, graças a Deus bem, apesar da situação aqui da Venezuela tá difícil, a gente sabe que esta difícil, política e economicamente, mas ainda tá dando pra aguentar

(...) quando eu cheguei aqui era mais difícil um pouquinho porque o pessoal tinha muito preconceito quanto às mulheres do Brasil porque as brasileiras que vinham pra cá, vinham mais era *pa* mina, vinha mais pra se prostituir, vamos ser sincera / então as famílias venezuelanas tem esse preconceito...tinham, mais antes tinha mais, esse preconceito quanto as brasileiras que vinham pra cá, mais que tudo quando era mulher solteira né, existia: “ai não essa é brasileira”, o jeito da gente se vestir que é muito diferente, aqui eles eram mais conservadores, lembram disso né/ não quanto tempo vocês conhecem a fronteira, porque você ainda é nova, mas naquele tempo existia muito isso aqui, as brasileiras de shortinho, venezuelana não anda com shortinho curto, acho que até hoje é difícil de você vê, agora que tá começando as meninas se vestir assim / então tinha sim esse preconceito, isso existia, mas graças a Deus vencido ((risos)). [Já, 100%. Já me sinto mais venezuelana ((risos)) / me sinto acostumada com os costumes daqui, com o modo de se vestir, com a comida, tudo isso depois de 20 anos a gente vai se acostumando né, vai aprendendo a gostar da arepa ((risos)) / logo no começo o brasileiro não come arepa, Deus me livre, tem horror, passam fome besta, pois é (...) [Não, já não...já não enfrento não, mas muitas vezes acontece isso que eu vejo com os outros brasileiros como são maltratados aqui, pelo menos cê tá numa fila pra comprar um produto de primeira necessidade se você é brasileiro: “ah não ela aqui é brasileira, não pode comprar”, as vezes até você vivendo aqui, tendo a identificação daqui já aconteceu, *bueno* com gente besta, porque comigo não acontece uma coisa dessa, eu tendo meu documento vão me negar meu direito?/ entende? Dizem: “não porque é brasileira não pode comprar?”/ o pessoal ainda tem isso por causa da escassez né que existe porque tudo que é produto de primeira necessidade aqui, até produto de limpeza já estão escassos/ aí chega os brasileiros, leva tudo que tiver, arrasta porque pra vocês é muito mais barato, aí o pessoal daqui, vamos dizer, fica desabastecido, aí cria esse problema/ mas é só isso aí, o resto eu já não vejo mais, Santa Elena já está muito integrada com o Brasil, integrou bastante ((risos)). [Pra mim a coisa melhor que eu vejo de viver aqui é a pessoa trabalhar porque tu sabe que no Brasil tu trabalha a vida inteira pra sobreviver / ou seja, hoje em dia que as situação ainda tá melhor um pouco você pode *sacar* um carrinho e passar a vida pagando, você saca umas coisas, tudo no cartão, tudo em prestação, passa a vida pagando / os impostos te come/ tu passa a vida nisso, passa a vida devendo pra ter aquele estilo de vida médio e aqui na Venezuela a pessoa pode, vamos dizer, se superar/ que no Brasil você não consegue/ e pelo menos eu num tenho estudo, não teria como competir no mercado de trabalho do Brasil porque lá no Brasil todo mundo tem que estudar, estudar, estudar, se esborrachar de estudar PRA VER se consegue um emprego, talvez nem consegue, não...num quero voltar pro Brasil é NUNCA. ((risos)) (...) lazer um tem, aqui em Santa Elena num tem lazer, lazer aqui é você se reunir com sua família e fazer um churrasco, ir pra um rio ou senão, de vez em quando, você tem a facilidade de poder viajar, aí você vê a cidade, esse é o lazer, mas por si lazer aqui não tem (...) outra diferença é no ensino, o ensino no Brasil é superior, mil vezes superior, o ensino agora aqui na Venezuela, sempre foi ruim, agora tá muito pior, porque agora eles tão adaptando esse negócio de...de tipo esse sistema de Cuba né, valando o cérebro dos meninos desde pequenos, já estão saindo os livrinhos, já cartilhas, já tão direcionando pra isso aí. *Incluso* o presidente já tá dizendo que vai acabar com o ensino particular, agora vai ser só ensino do governo, universidade e tudo, agora pense como vai ficar, agora todo mundo mais burro igual a ele ((risos)), sim porque eu vi um furo dele, tu sabe que ele vive dando

furo, o ultimo furo dele é que ele disse que Portugal e Venezuela estão no mesmo continente, pisme você/ eu não tenho o ensino completo, mas tenho mais conhecimento geral que ele. Agora você pensa como é que tá o ensino da Venezuela e por aí vai. [Amor, o fator decisivo foi a economia, com certeza. Quando eu vim do Brasil tava no tempo do Collor, no tempo da inflação galopante/ pois naquele tempo eu fique em Manaus, eu procurei emprego MESES, em Boa Vista, até que eu vim chegar aqui, foi assim uma luta sabe, não conseguia nada, tive que trabalhar em casa de família / *Bueno*, eu lutei muito, passei muita necessidade, muita coisa dura /.../ e...cheguei aqui, *bueno* / comecei a trabalhar, vi que aqui eu trabalhando dava pra mim ir me superando e fui me superando, *bueno* até que hoje eu acho que eu não fiquei tão ruim porque eu tenho meu negocinho, tenho minha casa própria, entende? Então no Brasil quando que você consegue fazer isso sem ajuda, muito difícil. Se você não tiver uma *palanca*, como se chama lá no Brasil...um padrinho, uma coisa assim que lhe consegue um emprego, uma coisa, não sei nem como é que você se supera não / agora que tá melhor a situação, eu perdi meu contato com o Brasil por completo, agora que eu meio que vejo televisão e essas coisas, mas eu não tenho muito contato mais com o Brasil (...). [Olha, eu vejo que aqui em Santa Elena pelo menos já tem muito árabe/ tem chinês / mas eles não se misturam / eles podem te atender no comércio deles, mas eles não se misturam / eles não vão ter aquela AMIZADE com venezuelano, com brasileiro, ao menos que seja por negócio / intimamente eles são muito / separados, e o chinês igualmente / você só vê que ele só trata as pessoas que trabalha com eles por questões de trabalho mas de se relacionar / ((nesse momento balançou a cabeça negativamente)) cada um é no seu galho (...) o venezuelano e o brasileiro já é uma relação mais antiga, o pessoal casa uns com os outros, eu já casei com venezuelano, já vou pelo segundo casamento com venezuelano ((risos)) / eu tive casada pela primeira vez dez anos e me divorciei e já tô com meu segundo marido já tem como uns oito anos (...) meus filhos nascem em Boa Vista por questões médicas, porque sabe que aqui ninguém pode ir no médico porque não tem, não tem médico, não tem atenção/ *incluso* como tá deficiente os hospitais em Boa Vista, eles nem querem receber os venezuelanos, mas aqui tá pior ainda, aqui você não pode ir num hospital desse, você pode ir numa emergência e te darem uma injeção, mas só médico estudante que tem aí, um médico de verdade não tem, não tem atenção médica. [Bem, graças a Deus bem, eu gosto de trabalhar, antes eu trabalhava em outro ramo, que era restaurante, mas é muito estressante trabalhar com restaurante, eu vivia nervosa, vivia TENSA porque logo era um restaurante grande que eu trabalhava / era muita coisa e o tempo muito curto, vivia estressada, mas graças a Deus agora não, agora me sinto mais tranquila, já é outro ritmo de trabalho, outra mercadoria. [Não, obstáculo não, eu acho assim que tem coisas, por exemplo, esse negócio de votar / pra mim conseguir transferir meu título pra Pacaraima foi muito difícil, porque você tem que comprovar que você mora em Pacaraima, então você tem que mentir porque você não mora lá, então todos os brasileiros que moramos aqui, que é bastante gente que mora aqui e a gente todo tempo tem que mentir dizendo que mora em Pacaraima / deviam de pensar nisso, poxa tem um pessoal que mora na fronteira, que mora do lado de lá / então você não pode dá o endereço daqui, nada porque cê tem que declarar o endereço falso lá porque ninguém mora lá, *pues*, e senão eles não vão te dá o título *pa* tu votar e então como é que tu faz? / então é uma coisa muito mal feita essa aí, deviam de pensar nisso aí também, e a gente aqui a gente fica como excluído das coisas de lá / não tem direito a nenhum

benefício / perde os benefícios de lá, aqui não tem nenhum benefício e aí vai. [Não, não acho tão importante não porque muito venezuelano não fala português e não é um empecilho pros brasileiros vir e eles se entender/ não acho que seja tato empecilho / NÃO PRECISA, eles ((referindo-se a brasileiros)) entendem que não é tão diferente o idioma / pra algumas coisas sim é necessário, depende do ramo que a pessoa tiver trabalhando, mas pro comércio...claro que se eu acho também que se tiver uma vendedora que fale português porque o comércio em Santa Elena tá sobrevivendo graças aos brasileiros né, se *ha levantado* muito pelos brasileiros / então se você tiver uma vendedora que fale o português eu acho que ajuda, NÃO É TÃO OBRIGATÓRIO mais ajuda no processo da venda porque as vezes o brasileiro pergunta algo e o venezuelano não entende o que que é. [Não, não, não participei.

P: Fala a língua espanhola? Acha fácil falar essa língua? [Falo, eu acho fácil falar o espanhol porque eu acho que tem muita *similitude* o significado com o português e a pronuncia também é muito fácil de aprender, muito fácil. [Eu aprendi sem ninguém me ensinar, eu aprendi sozinha, só com o ouvir e eu falo bastante bem, o *sea*, bastante razoável / tanto a pronuncia como o significado (...) nunca fiz nenhum curso de espanhol / também me aperfeiçoei um pouquinho porque minhas filhas estudavam aqui e eu ajudava com elas na tarefa, também isso me ajudou porque eu ia praticamente estudando com elas né, a primária, mas não fiz nenhum curso (...) no começo quando cheguei aqui eu não entendia nada, nunca tinha ouvido falar espanhol, aí com poucos meses eu já tava aprendendo, foi relativamente fácil. [Diferenças? no idioma mesmo que é diferente (...) depois de tanto tempo acho que agora eu tenho mais facilidade com o espanhol, já estou perdendo um pouco o português / sim porque pra mim falar o português eu já tenho que pensar, tipo assim, pra traduzir pro português pra eu poder falar porque eu já tô pensando em espanhol, muito tempo/ daqui a pouco vou perder até o sotaque do português, vai ser horrível ((risos com tom sarcástico)) tenho que praticar mais ((risos)). [Gosto, o espanhol é fácil de falar/ eu acho que de todos os idiomas, do português pro espanhol é o mais fácil, mais do que o inglês, o francês é horrível de aprender, acho super difícil o francês, não poderia aprender o francês nunca.

[talvez os verbos, como eu não estudei né, eu aprendi só de ouvido, talvez os verbos. [Aqui no trabalho tem minha filha mais velha que trabalha comigo, como ela fala português, às vezes a gente fala em português, às vezes em espanhol (...) eu não tenho muita amiga brasileira, meus amigos são mais venezuelanos e falamos em espanhol, mas eu não tenho muito amigo/ não sou uma pessoa de muita amizade ((risos)) eu sou mais assim dá casa pro trabalho, do trabalho pra casa (...) com meu marido só falo espanhol (...) minha mãe mora ao meu lado e com ela sim a gente fala em português ela sim não perde não, ela mistura tudo do português e espanhol, ela faz aquela misturada toda, mas ela entende (...) Meus filhos falam o espanhol (...) em casa é mais o espanhol, a minha filha mais velha ela fala português, mas a gente já não mora junta / eu moro com a minha filha pequena e ela quase não fala português, fala muito pouco e meu marido também não fala português então a gente fala mais espanhol / então é por isso também que ela perdeu um pouco de aprender o português porque se fala muito o espanhol em casa / o pai dela é venezuelano e ela estuda aqui, então não tem muito acesso ao português (...) Meus netos só falam espanhol, nasceram aqui, são venezuelanos os dois, eles entendem um pouco de português né, porque escutam a gente falar ou escutam algo na televisão, mas eles falam mais é espanhol ((nesse momento da entrevista falou com seu neto de 7 anos de idade em espanhol))

[Espanhol, a gente só fala português quando entra um brasileiro porque os brasileiros se concentram mais lá nas quatro esquinas né, ali naquela bolinha e dali eles não saem, aqui na loja pouco entra um, mas você vai ali nas quatro esquinas e tá cheio de brasileiro, mas eles não caminham muito assim

MBAL4

Eu me sinto bem, na realidade eu nem queria vir pra cá, porque a gente tinha comércio em Boa Vista e aí a gente morava lá, mas depois as coisas começaram a ficar difíceis aí foi que meu marido decidiu vir pra cá e eu tive que vir né, ERA O JEITO ((risos)) (...). [Tranquila, a gente procura se entender né, como a gente não vive no país da gente, a gente tem que aceitar o costume do outro país que a gente tá vivendo, a gente tem que / as minhas amigas brasileiras já dizem que eu sou, pareço venezuelana ((risos e balançar a cabeça negativamente)) (...) mas uma coisa me incomoda, a arrogância dos venezuelanos, que tem muitos que são muito arrogantes pra tratar as pessoas, isso eu não gosto, querem ser, não sei, as vezes parecem que querem ser melhor do que os outros. [Não tem muita diferença, não, o negocio é que eu acho que vai muito da / assim porque lá as coisas pra nós já ficam um pouquinho difícil né e aqui esse tempo que a gente tá aqui, graças a Deus, o comércio tá indo bem e tamo trabalhando tranquilo, então acho que em qualquer lugar que a gente é feliz acho que tudo tá bem né, tudo fica bem ((risos)) / não tem muita diferença, se lá enquanto tava tudo correndo bem lá, lá era o melhor lugar, mas depois as coisas começaram a ficar difíceis, aí a gente veio pra cá e agora aqui tá sendo / vamos ver com esse governo que tá sendo agora, vamos ver, como diz meu marido, vamos esperar mais um ano e vamos ver no que vai dá. ((risos)) (...) eu sou brasileira com certeza, ainda não me sinto venezuelana. [Bem, me sinto bem, porque esse é meu ramo né de trabalho, sou comerciante, sempre fui comerciante e como tô te falando graças a Deus as coisas tão indo bem, então me sinto bem (...) eu sou... sou brasileira e tu sabe que os brasileiros trata os clientes o melhor que pode (...) meu marido não é brasileiro, é equatoriano, mas ele também, como a gente tinha loja no Brasil, ele já sabe como tratar assim e as pessoas gostam. [Não, nenhum porque em relação aos turistas, porque como é fronteira vem muitos turistas e isso é um benefício pra nós. [Não, NEM existe isso aqui ((risos)). [Tem que falar ((risos)), falo, não falo BEM BEM, mas arrisco, (...) no inicio tinha alguma dificuldade, porque como eu te falo, meu marido ele fala espanhol ((o marido é equatoriano)) (...) mesmo usando o espanhol pra falar com os empregados e pra falar com os clientes venezuelanos, na minha casa com minhas filhas e com meu marido É SÓ PORTUGUÊS, mesmo ele sendo equatoriano, se tem como escolher, falo minha língua ((risos)) [Isso eu não sei te dizer, porque temporada e final de semana vem bastante brasileiro, mas também tem bastante venezuelano e na semana é mais venezuelano, então não se pode dizer que é mais português ou espanhol. (...) não fiz nenhum curso, meu curso é meu marido, que já tamos juntos há 12 anos e tem que aprender né, escutando ele falar a gente aprende.

MBL5

Me sinto muito feliz aqui, em termo de Manaus eu me sinto porque / tu sabe como é cidade grande né, aqui ainda é uma cidade pequena e a gente ainda vive muito *tranquila* aqui. [Bem, até agora eu acredito que ótima sabe, porque eu me adaptei

muito bem e a amizade que eu conquistei aqui são uma amizade verdadeira. (...) até agora num tenho o que dizer de nenhum venezuelano, pra mim todos são excelentes /.../ claro que não são todos, mas abro uma exceção né porque / os venezuelanos em si tem muita / o brasileiro tem muita reclamação dele né porque tratam mal os comerciantes, enfim porque eles chegam lá no Brasil muito bem recebido, e aqui não, tem comerciante que meu deus do céu / eu pra mim num tenho o que dizer, pra minha pessoa, não sei pra outros, mas eu já ouvi muitas reclamações. [Custo de vida, porque no Brasil é muito caro e aqui não, os itens principais aqui é bem mais econômico que no Brasil né, como luz, gás, gasolina, todos esses itens, então o custo de vida é muito caro no Brasil e aqui não, ainda dá pra tirar de letra né. [Pra mim, até agora/.../ se eu fosse avaliar por nota eu daria um bom sabe, um ótimo (...) tive pessoas que me ajudaram aqui, então me sinto bem. (...) é uma profissão que eu adoro (...) eu já era comerciante lá no Brasil, ficava indo e vindo, mas por conta própria, não era empregada, aí surgiu à oportunidade, daí eu vim trabalhar. [Existe muito, porque pelo tempo que eu tenho aqui eu ainda não consegui a identidade daqui né porque houve uma coisa muito má administrada, porque deram preferencia pras pessoas que chegaram com dinheiro e não pros que residiam há anos, então se eu não tiver o passaporte fica muito difícil aqui né, porque a gente tem direito à certos benefícios aqui, mas se eu não tiver a identidade é como se eu não/ fica mais difícil entendeu? (...) o idioma foi uma dificuldade, a gente tem que ir se adaptando pouco a pouco, conhecendo nomes, enfim. [Não meu amor, nunca, nunca teve. [Vou te dizer que já da pra mim me defender né, mas não é tão fácil não, o espanhol principalmente tem palavras que se torna difícil viu, a gente pensa que é fácil mas não é (...). [(...) é mais no trabalho mesmo, aqui na loja falo espanhol porque os clientes aqui falam mais espanhol, por a dona ser venezuelana, tem muito cliente venezuelano (...) eles pedem as coisas em espanhol e eu tenho que saber pra poder vender (...)] [Como já disse, o espanhol, aqui na loja a maioria dos clientes são venezuelanos porque a dona já vem de muitos anos e é venezuelana.